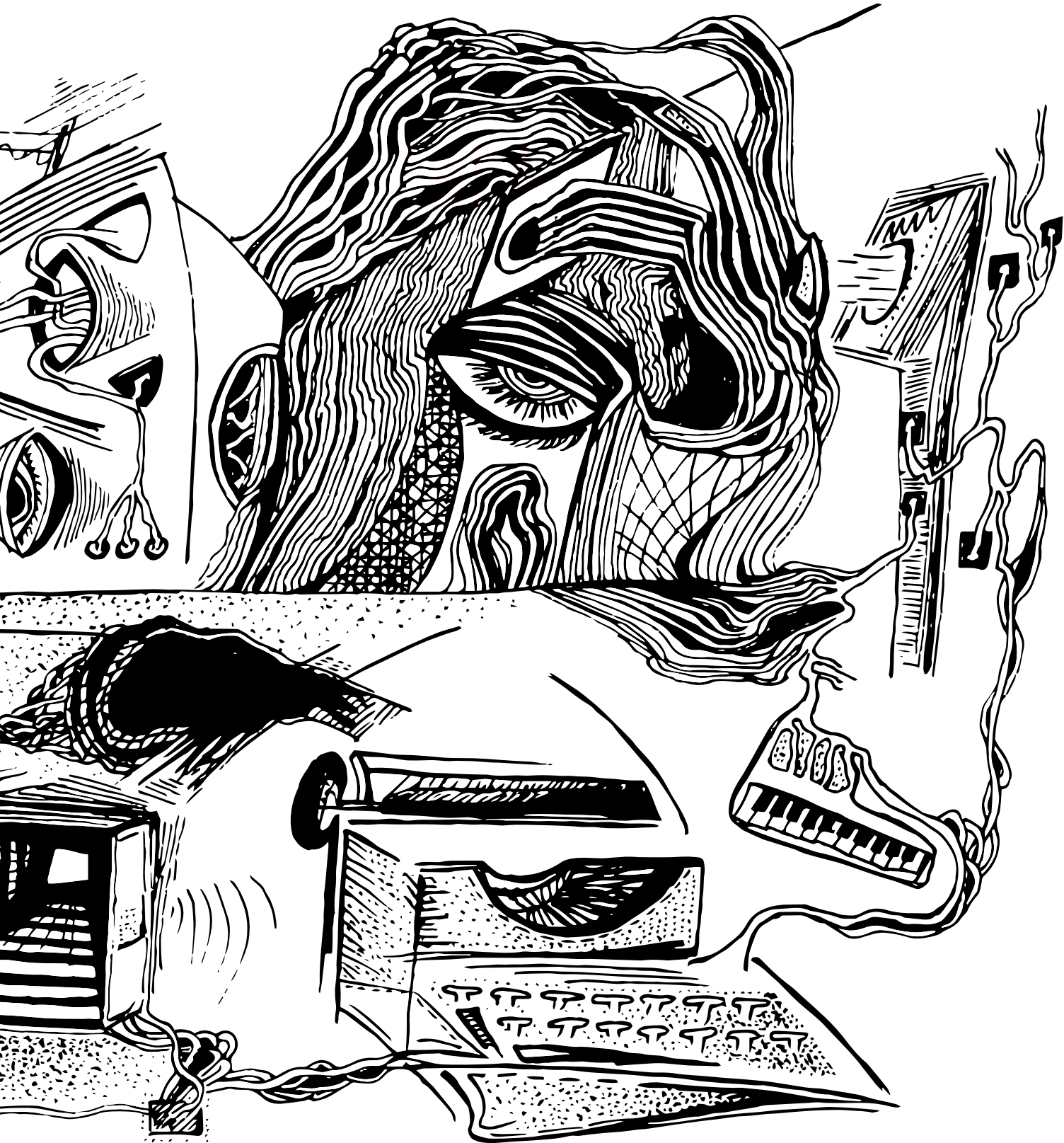


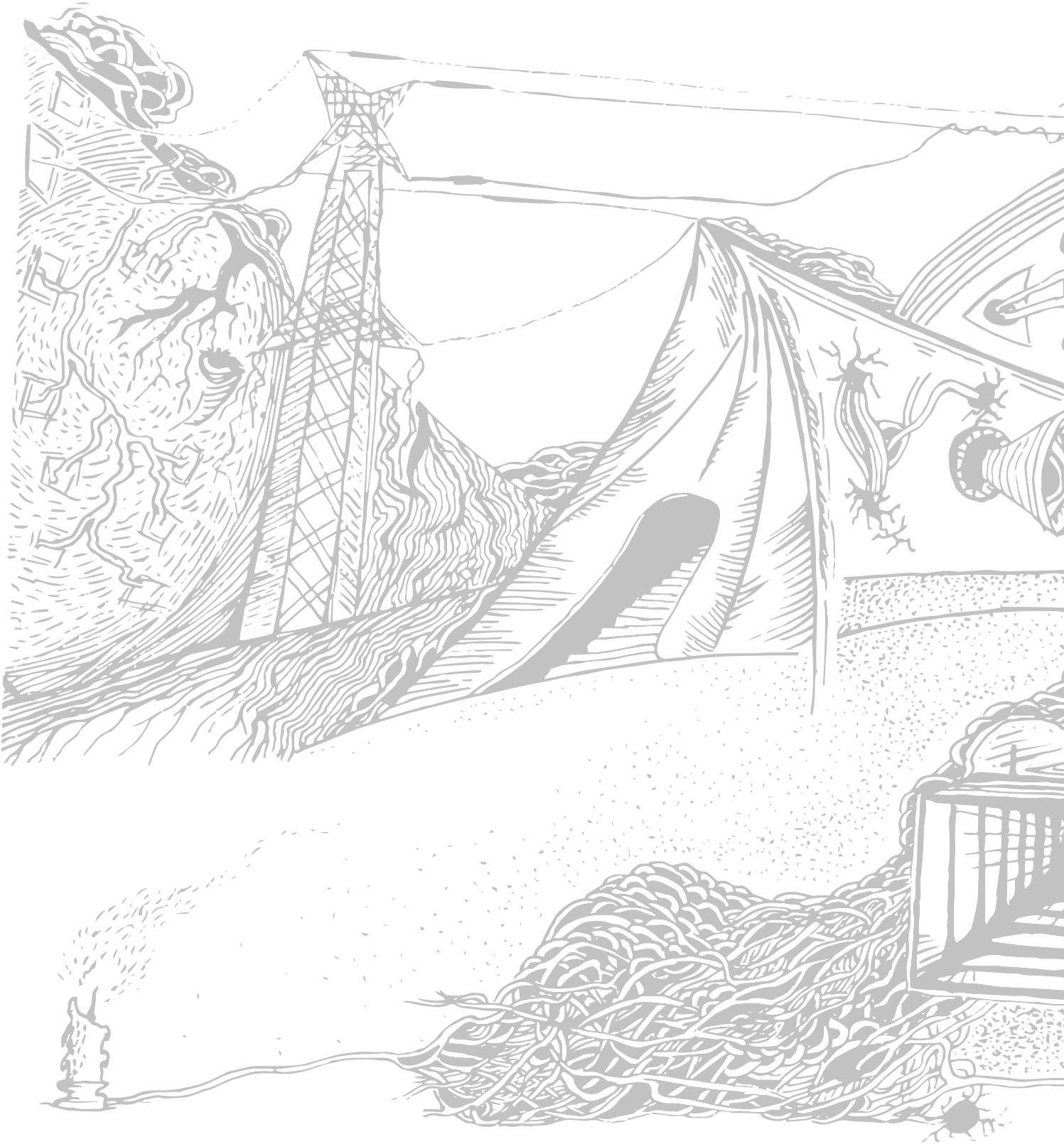


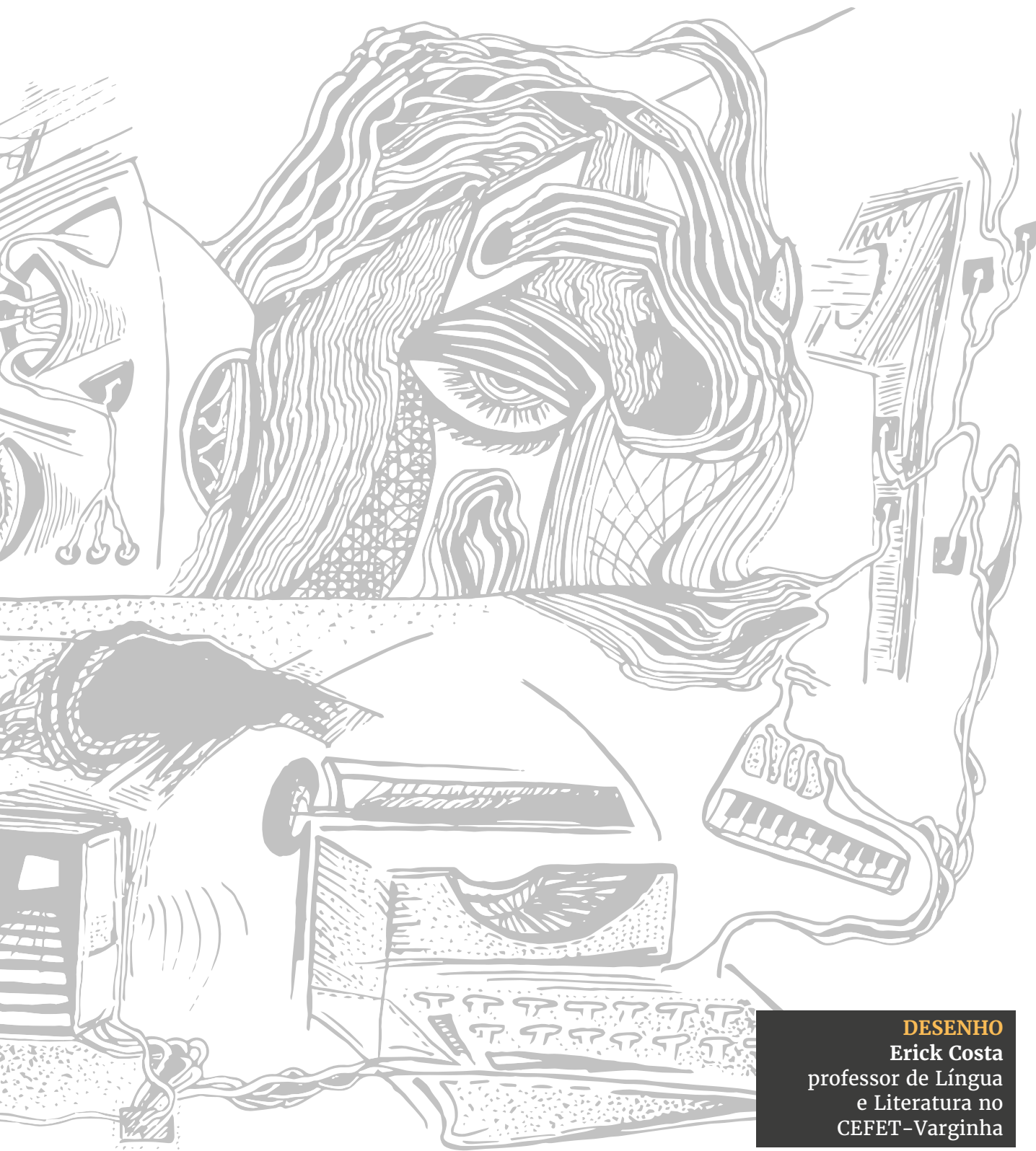
REVISTA EDITAR  
EDIÇÃO ESPECIAL





REVISTA EDITAR  
EDIÇÃO ESPECIAL





**DESENHO**  
Erick Costa  
professor de Língua  
e Literatura no  
CEFET-Varginha

# FOLHA DE EXPEDIENTE

## **Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)**

### *Diretor-Geral*

Prof. Dr. Flávio Antônio dos Santos

### *Vice-Diretora*

Profa. Dra. Maria Celeste Monteiro de Souza Costa

### *Chefe de Gabinete*

Profa. Dra. Carla Simone Chamon

### *Diretor de Educação Profissional e Tecnológica*

Prof. Dr. Sérgio Roberto Gomide Filho

### *Diretora de Graduação*

Profa. Dra. Danielle Marra de Freitas Silva Azevedo

### *Diretor de Pesquisa e Pós- Graduação*

Prof. Dr. Conrado de Souza Rodrigues

### *Diretor de Planejamento e Gestão*

Prof. Dr. Moacir Felizardo de França Filho

### *Diretor de Extensão e*

### *Desenvolvimento Comunitário*

Prof. Dr. Flávio Luis Cardeal Pádua

### *Diretor de Governança e*

### *Desenvolvimento Institucional*

Prof. Dr. Henrique Elias Borges

### *Diretor de Tecnologia da Informação* Prof. Dr. Gray Faria Moita

### **Bacharelado em Letras - Tecnologias de Edição**

### *Coordenador*

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira

### *Coordenador Adjunto*

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

### **LED**

### *Coordenador*

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

### *Comissão Editorial*

Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro  
Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.  
Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira  
Prof. Dr. Rogério Barbosa da Silva  
Prof. Dr. Wagner Moreira

### *Conselho Editorial*

Profa. Dra. Ana Cláudia Gruszynski (UFRGS, Brasil)  
Profa. Dra. Andréa Borges Leão (UFC, Brasil)  
Prof. Dr. Cleber Araújo Cabral  
Profa. Dra. Daniela Szpilbarg (CIS-IDES-CONICET, Argentina)  
Profa. Dra. Isabel Travancas (UFRJ, Brasil)  
Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado (UFSCar, Brasil)  
Prof. Dr. Luis Alberto Ferreira Brandão Santos (UFMG, Brasil)  
Profa. Dra. Marília de Araújo Barcellos (UFSM, Brasil)

Prof. Dr. Mário Alex Rosa (UNI-BH, Brasil)

### *Projeto Revista Editar*

Professor Coordenador

Dr. Rogério Barbosa da Silva

### **Equipe editorial**

### *Revisão*

Carla Gobb Teixeira

Vinícius Amaral Fernandes

### *Divulgação*

Anna Syrleia Domingos dos Santos

Eric Fellipe Pereira Lima

Isabelle Teotônio Campos

Izabela de Lima e Alvarenga

Johnata Marlon Pinheiro da Silva

Júlia Ferraz Araújo

Lucas Vaz de Melo Quintas

### *Projeto gráfico e diagramação*

Diogo Frank Souza Moreira

Felipe de Oliveira Bastos

Júlia Stephanie Antônio

Rafaela Alfaia Cerqueira

### *Redação e criação de conteúdo*

Fernanda Oliveira e Martins

Luana Clara Alves Assis

Lucas Rafael Assis {Haru}

Rosângela Maria da Silva

Rosânia Aparecida Silva

---

Capa: vetorização da intervenção

Desenho de Erick Costa

Vetores e imagens: freepik





# EDI TO RI AL

Este número Especial da Revista Editar, que faz parte do curso de Letras há 9 edições, não traz nenhuma evocação comemorativa, num sentido estrito, pois, em março, enquanto ainda iniciávamos o projeto editorial desta edição, o mundo foi surpreendido por uma pandemia, e o cotidiano de todos foi alterado drasticamente. O impacto da covid-19 foi e ainda é tão grande, que não poderíamos deixar o assunto de lado, e, por esse motivo, optamos por criar uma edição especial para a ocasião. Para isso, buscamos por escritores que se propusessem a escrever textos relacionados ao tema da pandemia e que colaborassem com a estrutura deste projeto. Proposto o tema pelos alunos do 4.º período de Letras – Tecnologias de Edição, nós nos surpreendemos com a boa acolhida do projeto, recebendo inúmeras colaborações, que depois foram avaliadas e selecionadas pela equipe editorial. O nosso grande desafio foi reunir, de forma remota, sem o calor humano e a troca viva de ideias, o material para publicação, além de editá-lo e prepará-lo. Essas tarefas costumeiras em um projeto editorial, embora se tenha perdido um pouco essa energia do processo, junto com as dificuldades do ensino remoto, trouxeram, entretanto, conforme acreditamos, um bom conjunto de textos verbais e não verbais, deixando-nos ver como cada um dos autores vivenciou também essa antirrotina que nos impactou neste ano. Assim, esperamos que nenhuma adversidade tire o brilho desta edição, pensada de forma coletiva e para o coletivo, que hoje vive um momento tão singular.

**Equipe Editar**

# SUMÁRIO



08

## Resenha

Resenha crítica:  
Ex-pagé — 09

## DOSSIÊ

18

## Entrevista

Entrevista  
TCC — 19

22

## Pesquisa

Hábitos de  
Leitura na  
Pandemia — 23

28

## Contos e Crônicas

Cavalos  
Marinhos — 29

Foi-se embora  
um bravo — 40

Hospedeiro — 47

Sem rodeios — 49

Novos tempos,  
novos desafios  
— 51

Uma da  
tarde — 54

Quarentena — 56

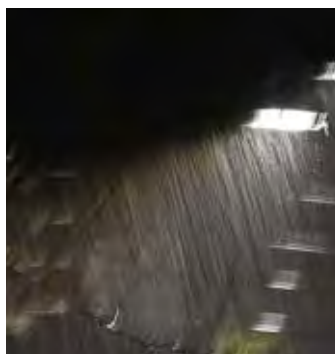
# 60

## Poemas

Levantes \_\_\_\_ 61

Fogo-fátuo \_63

Desfaça-se  
rotina \_\_\_\_\_ 64



# 66

## Intervenções

Graciele Gonzaga \_67

Nácio \_\_\_\_\_ 70

Eliziane Silva \_\_\_\_ 74



**RE  
SE  
NHA**

# "SOCIEDADES CONTRA O ESTADO": UMA RESENHA DE EX-PAJÉ, DE LUIZ BOLOGNESI



**Por: Suzi de  
Andrade Leite**

**Ex-Pajé.**  
Direção: Luiz Bognesi.  
São Paulo: Buriti  
Filmes; Gullane, 2018.  
1 DVD (81 min),  
son., color.

*Ex-Pajé* é um filme documentário lançado em 2018 que acompanha a rotina de Perpera, um ex-pajé da etnia Paiter Suruí que perde seu antigo espaço na liderança indígena após a chegada de representantes da religião evangélica neopentecostal à comunidade. A introdução de uma nova religião força os viventes a mudarem de comportamento e crenças. As cosmologias narradas, cultivadas e disseminadas pelo até então pajé Perpera são julgadas como “coisas do diabo” pelos pastores da igreja que se instaura em meio à comunidade. A partir disso, os índios da etnia Suruí sucumbem à nova religião e apagam a figura do pajé de suas tradições. Ao longo de 81 minutos, a narrativa se desenvolve em dois planos centrais: o primeiro, que mostra as consequências da imposição de uma nova religião; e o segundo, que indica uma relativa resistência dos índios à totalidade de uma nova catequização.



A obra é dirigida pelo paulista Luiz Bolognesi – também roteirista e produtor, tendo assinado obras como *Bicho de sete cabeças* (2000), *Chega de saudade* (2008), *Uma história de amor e fúria* (2013), *Elis* (2016), entre outras. Apesar de ter se graduado em jornalismo, Bolognesi chegou a iniciar estudos em antropologia, aspecto importante para analisar a força crítica presente no documentário *Ex-Pajé*, que obteve prêmios nacionais e internacionais por onde passou. Ainda que o diretor tenha uma vasta experiência no campo cinematográfico, é inegável que *Ex-Pajé* se torna uma de suas realizações mais importantes, não só pela ousadia e sagacidade nas filmagens, mas também pela entrada de tal documentário para um hall de obras impactantes da história do cinema nacional. Em uma entrevista concedida ao jornal *O Globo*, quando perguntado a respeito do lugar que a obra ocupava nas recentes discussões sobre apropriação cultural, Bolognesi (2018) responde, objetivamente, que “era fundamental criar um filme que revelasse os efeitos da evangelização a partir do ponto de vista de um pajé”.

Não é novidade que o cinema tem sido usado como instrumento de comunicação e representação de povos e etnias indígenas por todo o país – segundo o IBGE, em pesquisa realizada em 2010 com moradores de áreas urbanas e rurais, 817.963 milhões de pessoas se declaram indígenas (Cf. IBGE, 2012). Ainda que esse número tenha diminuído ao longo dos anos, os dados tornam importante projetos como o *Vídeo nas Aldeias* – idealizado

por Vicenti Carelli em 1986 com o objetivo de formar realizadores audiovisuais dentro das aldeias e compartilhar com o mundo a cultura desses povos, numa visão participativa dos índios (Cf. APRESENTAÇÃO, 2009). Valoriza também projetos cinematográficos idealizados para registro ou denúncia de uma situação vivenciada dentro desses espaços, que, pelo senso comum, são fatos apenas nos livros didáticos ou no córtex imaginativo das pessoas que não acreditam na existência de tais situações.

A maioria dos projetos realizados com a finalidade de representação da cultura indígena se concentra no gênero fílmico *Documentário*; a escolha por esse gênero específico credita veracidade ao projeto por não incluir características completamente ficcionais ou planejamento de todas as ações, uma vez que o documentário consegue transmitir as cenas captadas o mais próximo possível do que se pode chamar de real, enfatizando o encontro social. Em *Ex-Pajé*, tem-se uma mistura de técnicas do gênero, de acordo com a divisão proposta por Bill Nichols (2005); no geral, a obra de Bolognesi é registrada no modo *Observativo* ou *Direto*, em que não há intervenção do realizador com perguntas ou aparições diante da câmera: os fatos captados acontecem naturalmente (NICHOLS, 2005, p. 146-153). Entretanto, pela maestria, podem-se perceber aspectos de um segundo modo, o *Performático*, em que se “mistura[m] livremente as técnicas expressivas que dão textura e densidade a ficção” (NICHOLS,





Fonte: Adoro Cinema.

2005, p.173), o que atribui mais destreza à obra que pretende o tempo todo se manter com o ritmo lento e apreciativo.

Pela experiência reunida a partir do imenso currículo de obras ficcionais, o diretor consegue deixar o filme dinâmico, mediando planos puramente contemplativos com planos fluidos, o que marca a curva dramática do filme. Além da decupagem, o desenho de som é fundamental durante os 81 minutos da obra. Importante destacar, também, que Bolognesi usa os momentos de diálogos para revelar o grande conflito de Perpera, respeita o som ambiente e utiliza recursos diegéticos para desencadear algumas ações importantes para a estrutura do roteiro. Logo nos primeiros se-

gundos do filme, introduz-se a seguinte citação do antropólogo francês Pierre Clastres: “o etnocídio não é a destruição física dos homens, mas do seu modo de vida e pensamento”; assim, além de uma escolha estética, já que surge no início – no filme em *fade in* em fundo preto –, o diretor revela qual será o nível crítico do documentário a partir daquele instante, no qual pretende mostrar a violência psicológica sofrida pela imposição da religião evangélica na tradição indígena no estado de Rondônia. Partindo dessa citação, um dos conceitos que podem ser referenciados durante a apreciação de *Ex-Pajé* é o de “Sociedades contra o Estado” dentro das comunidades ameríndias, desenvolvido por Clastres (1982) durante os estudos sobre a organização dos ín-





dios da América do Sul. Nesses estudos, o antropólogo indica, em suas palavras, sociedades primitivas que recusam a organização histórica unilateral de ter um poder coercitivo, o Estado, que determinaria o comportamento, a economia e a sociabilidade nessas sociedades que são “essencialmente igualitárias, [em que] os homens são senhores de sua atividade” (CLASTRES, 1982, p.138), e o chefe “está a serviço da sociedade, é a sociedade em si mesma verdadeiro lugar do poder” (CLASTRES, 1982, p.144), não sendo ausente de poder, mas ausente de um poder que obriga, que centraliza e que exclui.

Podemos entender, no primeiro plano central do filme, que se está diante de uma resistência vencida, Perpera, que perde o espaço de liderança na comunidade quando os pastores julgam seu modo de vida e pensamento; assim, o personagem vira um ex-pajé, deixando de ser creditado como líder e tornando-se um mero porteiro da igreja evangélica que o venceu. Ainda neste contexto, as imagens captadas mostram a figura de Perpera trabalhando, caçando e executando funções que, como pajé, não fazia, além de mostrarem uma comunidade confusa com a nova forma de adoração, a evangélica. Como símbolo dessa confusão, tem-se um plano cinematográfico que acompanha Perpera durante uma carona na traseira de uma caminhonete, onde ele senta em um lugar desconfortável e instável, correndo o risco de cair a qualquer momento, traduzindo o verdadeiro lugar que esse personagem ocupa agora.

Mas, no segundo plano central, tem-se um ponto de virada aproximadamente aos 40 minutos do filme, a partir de uma reencenação, autorizada pelo modo Performático supracitado, de uma situação vivida anteriormente na comunidade: uma índia é picada por uma cobra e acaba em coma no hospital regional. A índia não responde à medicina tradicional e, como um chamado do herói, Perpera é convo-



Perpera sentado na porta da igreja esperando para recepcionar o público.

Fonte: *print screen*, pelo computador, da cena do filme.

cado pelos filhos dela a usar da sabedoria de pajé para chamar os espíritos protetores. Nas cenas seguintes, vê-se o personagem usando a flauta da cura e proferindo cantos xamãs, resultando na recuperação da índia, que sai do coma e volta para a comunidade.

Foi uma escolha do diretor reencenar este e outros momentos, já que são capazes de traduzir o conceito fundamental de Clastres (1982), citado no início do filme; daí percebemos uma relativa resistência que em determinado momento emociona ao pedir que um ex-pajé use de sua sabedoria para salvar uma vida. Exibe-se uma transcendentalidade explorada pelas culturas ameríndias, que tanto são ameaçadas por se recusarem a entrar na rede capitalista desse Estado que quer domesticá-las ao longo da história. Mostra-se que esse “ser contra o Estado” é inerente às comunidades indígenas. Ainda que em determinados momentos exista a vitória ocidental, essa passagem determina o conflito base entre Estado e as sociedades primitivas, além da forma de poder descentralizada existentes nessas comunidades.

O filme incomoda por trazer uma situação que engasga seus espectadores e por uma certa tristeza das cenas e dos diálogos, como em uma passagem do filme em que Perpera é questionado se desejaria ser pajé novamente; com suavidade, ele responde que “não é possível, pois o pastor disse que é coisa do diabo” (EX-PAJÉ, 2018), mostrando o quão cristalizada a religião evangélica está. No plano seguinte em corte seco, vê-se o personagem vestido com traje social abrir as portas da igreja evangélica, se

posicionar na porta e recepcionar os novos convertidos, todos índios suruí. Além disso, é torturante também assistir ao pastor branco centralizado em um primeiro plano e ouvir ao fundo o coro formado por índios, cantando de forma desajeitada as canções da igreja. A obra incomoda pela força crítica e, por isso, talvez, não seja recomendável a todos, salvo teóricos das áreas afins e aqueles que procuram uma reflexão profunda sobre a conflituosa e histórica relação das comunidades indígenas e as tentativas, ora bem sucedidas, do Estado em dominá-las.

*Ex-Pajé* traz contribuições importantes para os estudos cinematográficos, já que usa de recursos técnicos bem elaborados, mostrando o vasto repertório do diretor Luiz Bolognesi, que conduz a narrativa com tranquilidade mesmo estando diante de um tema tão difícil; desse modo, ele opta por posicionar a câmera e deixar que a vida aconteça diante dela, conseguindo, ao mesmo tempo, dirigir cenas



Perpera sentado na traseira de uma caminhonete durante uma carona.  
Fonte: *print screen*, pelo computador, da cena do filme.





Fonte: Adoro Cinema.

baseadas em fatos reais com atores indígenas moradores da comunidade. A obra contribui também para os estudos sociais, antropológicos, filosóficos e históricos, pois retrata uma situação de guerra sem sangue, difícil de entender e aceitar, mostrando a dominação de uma religião ocidental diante de uma cultura que historicamente sofreu pelas imposições europeias e, por fim, consegue participar de um conflitante debate que questiona a posição secular ou laica do Estado nas decisões políticas nacionais. Com *Ex-Pajé*, recebemos a difícil missão de compreender que isso está acontecendo em Rondônia e em outros estados do Brasil, enredando outras comunidades além das indígenas, que sofrem com qualquer tipo de opressão e apagamento de uma instituição superior. Ao fim, esse é o recado principal deixado pelo diretor e pelo filme.

**Por:**

Suzi de Andrade Leite é graduada em Cinema e Audiovisual pelo Centro Universitário UNA (2015). Atualmente estuda Letras no Cefet-MG, onde é bolsista do projeto de extensão *Pensar Jovem: Fazer Sentido*.

**Referências:**

APRESENTAÇÃO. *Vídeo nas Aldeias*,

Olinda, 2009. Disponível em: <http://www.videonasaldeias.org.br/2009/vna.php?p=1>. Acesso em: 18 abr. 2020.

BOLOGNESI, Luiz. Diretor do premiado 'Ex-pajé' alerta para o avanço da evangelização nas aldeias do país. [Entrevista cedida a] Luiz Felipe Reis. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 abr. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/filmes/diretor-do-premiado-ex-paje-alerta-para-avanco-da-evangelizacao-nas-aldeias-do-pais-22626247>. Acesso em: 18 abr. 2020.

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

DOCUMENTÁRIOS: *Ex-Pajé*. *Buriti Filmes*, São Paulo, 2018. Disponível em: [http://www.buritifilmes.com.br/filmes.php?cat=filme&mostra\\_filme=26](http://www.buritifilmes.com.br/filmes.php?cat=filme&mostra_filme=26). Acesso em: 18 abr. 2020.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo demográfico 1991/2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/graficos-e-tabelas-2.html>. Acesso em: 18 abr. 2020.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. São Paulo: Papirus, 2005.

DO



SSS

IE >





# ENTRE VISTA



# ESCREVER UM TCC DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

A entrevista foi realizada com a estudante de Ciências Biológicas do Centro Universitário UNA, Melissa Rodrigues de Araújo, de 24 anos.



**Como foi a experiência de redigir o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em plena pandemia?**

Como meu TCC era de análises em laboratório, ficou muito difícil rever alguns resultados, já que a faculdade se encontra fechada até os dias de hoje. A escrita do trabalho, desde o início, foi feita remotamente, mas a comunicação com o orientador foi dificultada; com isso, o retorno demorava um pouco às vezes, atrasando o desenvolvimento do trabalho.

**Quais foram as maiores dificuldades?**

Conseguir defender a última etapa do trabalho de forma *on-line*. A falta do olho no olho da banca avaliadora trouxe certa insegurança, pois a expressão facial diz muito sobre o que eles estão achando do trabalho.

**Ter uma dupla no trabalho ajudou no processo?**

Bastante. A pessoa em quem depusitei toda minha confiança para ser minha dupla não poderia ter sido melhor! Ter alguém do seu lado para te motivar e para não deixar ambas enlouquecerem nem desistirem foi muito importante. Se fosse para realizar todo o trabalho sozinha, creio que teria sido mais exaustivo. Vou ser eternamente grata por ter tido a Keila ao meu lado nesse momento!



**"A falta do olho no olho da banca avaliadora trouxe certa insegurança, pois a expressão facial diz muito sobre o que eles estão achando do trabalho."**



Fonte: Pixabay.

**Você acha que a apresentação por videochamada a deixou mais calma ou nervosa do que se fosse presencial?**

Muito mais nervosa. O contato do olho no olho e a expressão facial, para muitos, podem ser assustadores, mas falar para uma tela sem saber se tem alguém ali do outro lado prestando atenção em você dá muito mais medo.

**O que você acha que poderia ser diferente se fosse presencial?**

Provavelmente eu estaria mais calma, pois não teria que me preocupar se meu áudio estava bom para quem

ouvia, se minha internet não iria me causar problemas no momento da defesa, se os avaliadores não teriam problemas com suas próprias conexões, o que poderia fazer todo o preparo de dias sair do *script* imaginado.

**O que você aprendeu com essa experiência?**

Aprendi que presencialmente as pessoas não podem fugir de suas obrigações da mesma forma que conseguem virtualmente. Mas, independentemente de qualquer adversidade que poderia ter acontecido, Keila e eu daríamos um jeito de fazer o máximo para entregar bem feito o nosso trabalho.



# PES QUI SA



# HÁBITOS DE LEITURA NA PANDEMIA

Foi realizada uma pesquisa, aberta ao público, via formulário Google, com o objetivo de saber quais foram as mudanças que ocorreram, durante a quarentena, nos hábitos de leitura. Das vinte respostas obtidas por meio do formulário – que ficou disponível por um dia, 25 de outubro de 2020 –, a equipe de redação selecionou as dez mais completas.



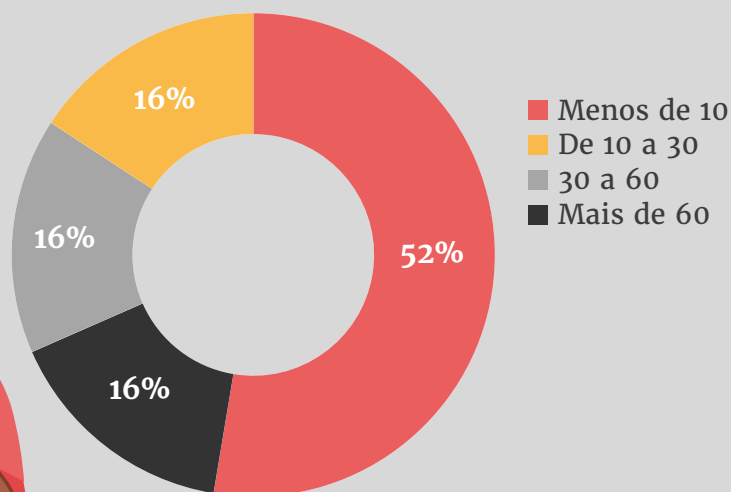
?

Durante a  
pandemia  
quantos livros  
você leu?



"Sempre tive o  
hábito de ler uma  
média de 7 livros  
por mês. Durante a  
pandemia, enquanto  
estávamos sem aulas,  
aumentei pelo menos  
três livros ao mês."

Isabelly, 19 anos

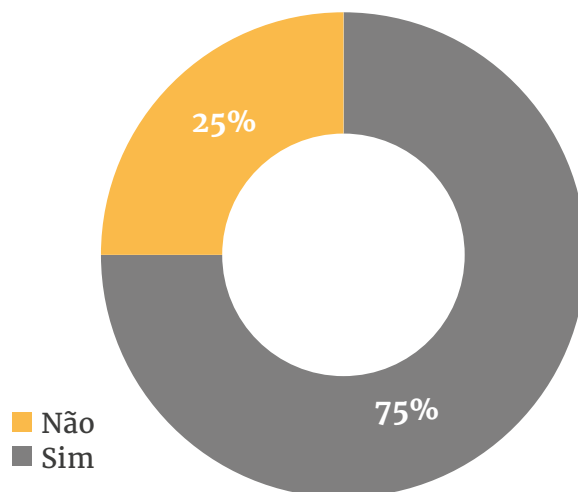


Larissa Machado, 22 anos  
Leu 85 livros de abril a setembro.





## Houve alguma mudança na sua percepção de leitura devido a disponibilidade de tempo?



"Sim. Com mais tempo disponível parece que meu ritmo de leitura caiu, ao contrário do esperado. Minha média é de 1 livro por semana e isso claramente diminuiu."

Joana, 20 anos

"Na minha percepção não, o que mudou foi o tempo a mais, pois geralmente, antes da pandemia, eu li uns 9/12 livros por mês (sem contar as leituras da faculdade), com a pandemia consegui aumentar esse número para mais ou menos 17/20 livros por mês. "

Larissa Machado, 22 anos

"Adquiri um olhar mais crítico ao que escolhia, além de conseguir ler e processar mais rápido o conteúdo."

Isabelly, 19 anos

"Devido à disponibilidade de tempo, não. Mas em relação a outros fatores, como fadiga, distrações, etc., sim."

anônimo

"Sim, acredito que consegui ler mais durante a pandemia tanto para 'passar tempo', quanto por não ter a sensação de obrigação com a leitura."

Isabelle Teotônio, 23 anos

"Sim, descobri novos gostos e percebi coisas que antes tinham passado batido durante as minhas releituras ."

Letícia, 19 anos

# Quais os requisitos que você utiliza para escolher os livros que você lê ou leu?

"Interesse pessoal ou livros de utilidade na faculdade."

Vinicius Cassiano, 18 anos

"Livros importantes para minha formação, curiosidade, gosto pessoal e recomendações."

Joana, 20 anos

"Uma ordem de compra."

Marsília Oliveira, 24 anos

"A sinopse ser interessante e recomendações do *booktube*."

Gustavo Oliveira, 19 anos

"A avaliação de outros leitores que escrevem resenha com certeza ajudam, além de procurar uma prévia ou sinopse. A capa do livro também me passa certa confiança se ele foi publicado por uma editora séria ou um amador, o que pode comprometer a qualidade do material."

Isabelly, 19 anos

"Os que estavam mais atrasados."

Rafael, 27 anos

"Gênero, quantidade de páginas, autor."

Anônimo

"Preço e qualidade/renome da editora."

Pedro Meireles, 21 anos

"Interesse pelo enredo."

Pedro Meireles, 21 anos

"Por estar no meu último ano de curso e ter escolhido a Literatura de Massa como tema do meu TCC, eu tenho lido todos os *bestsellers* de várias listas ao redor do mundo e vários lançamentos dentro dessa área. Em anos anteriores, eu escolhia minhas leituras de modo orgânico mesmo, se via uma sinopse que me interessava, eu logo colocava aquele livro na meta, mas sempre dentro da Lit. de Massa mesmo, que é o que leio desde sempre."

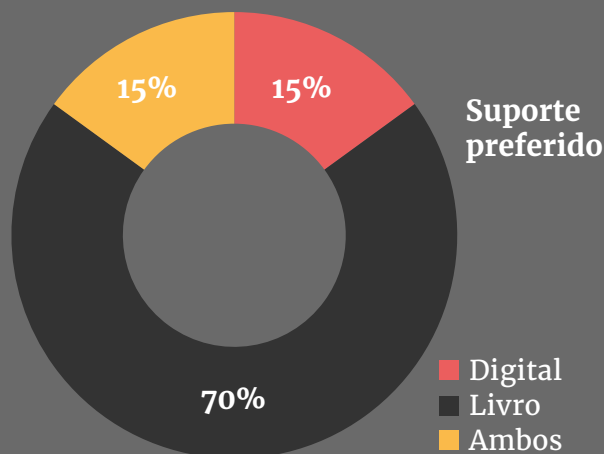
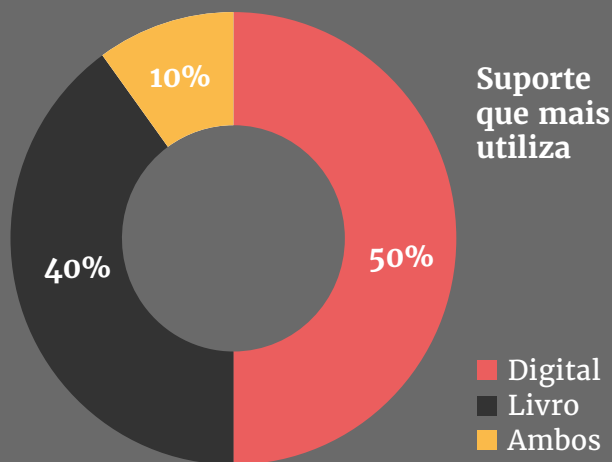
Larissa Machado, 22 anos

"Indicações, resenhas, preço e edição."

Isabelle Teotônio,  
23 anos



# Qual suporte você mais utilizou: físico ou digital? E qual você prefere?



Uso ambos igualmente. O digital muitas vezes facilita em vários aspectos: mais barato, mais rápido de adquirir (quando estou muito ansiosa pra ler), se for um calhamaço, mais fácil de carregar e, com o *Kindle*, consigo ler até no escuro ou na piscina. Mas sou apaixonada pelos projetos gráficos e gosto MUITO de rabiscar, então, livros teóricos para fins de estudo, prefiro os físicos.

Joana, 20 anos

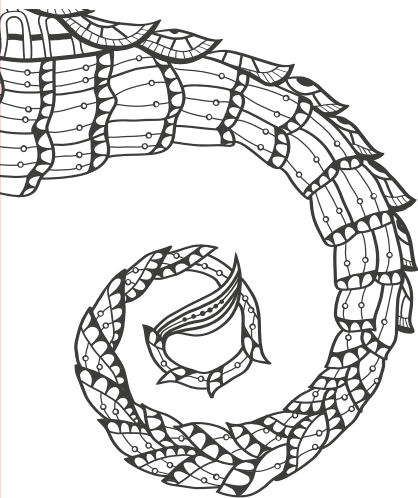
"Digital. Prefiro físico, sem dúvida. Por ficar horas e horas tendo que olhar para o mesmo lugar, acabo ficando com dor de cabeça ao ler no celular, o que não acontece com livros físicos."

Isabelly, 19 anos





CON  
TOS  
E  
CRÔ  
NICAS



# CAVALOS- MARINHOS

## DIA 1

Por:  
Caio Saldanha

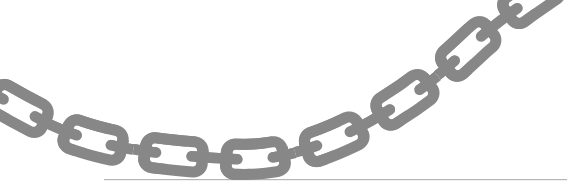
Músico, produtor e DJ. Estudou Letras no CEFET-MG. Vive em São Paulo. Suas produções podem ser acompanhadas no site: [caiosaldanha.com](http://caiosaldanha.com).

Contato:  
[caioartbr@gmail.com](mailto:caioartbr@gmail.com)

**N**a janela da cela: mar. Navegante, célebre, infinito.

Nos escuros e às claras, o alinhar de cavalos. Cavalos-marinhos célebres em um estábulo infinito. Alimentados em horas incertas e doutrinados por alto-falantes. Os que antes se chicoteavam mentalmente por migalhas, agora se debatem enclausurados sob controle.

Presos, cavalos são duros, se vírus ou algo mais. Mas avaliam: animais duram bastante, são fortes, resistentes, adaptáveis, vivem juntos. Outras espécies parecidas – os Cavalos escolhidos do chefe – seguem o seguinte mandamento: cavalos-marinhos do chefe de



um lado e na ponte, cavalos-marinhos que trabalham para o chefe, e para os escolhidos, do outro. É escrito.

A lhe fazer saber o desenrolar de marinhos assim, daremos início em 14 rajadas de sol a lugar algum. Claustrofóbicos, cavalgam os cavalos todos ao socorro de quem os entender entre linguagens animais, vorazes, burlescas. Eis as cartas dos jogos oceânicos em janelas, aquelas de celas, e muitos adubos.

Se haver fala, haverá socorro.

## DIA 2

Na janela da cela: mar. Navegante, célebre, infinito.

Corredores do mesmo estábulo, agora abarrotados de outros marinhos cavalos. Ordenadamente, comem em horário, são verificados se com febre ou vírus, se vivos e doutrinados, obedientes, controlados. Da ponte de comando, os-do-chefe ainda ordenam por alto-falantes. Os Cavalos-marinhos ainda navegam sem rumo num célebre infinito.

Na segunda rajada de sol, nada de produtivo. Continuam a cavalgar nas águas regurgitando seus ovos. Mini-cápsulas de improdutivas vidas, assim como seus amigos de terra: os gados de corte, ou da corte.

Em outra parte do estábulo infinito, alguns trabalham, no entanto. Cavalos de olhos puxadinhos e bom hu-

mor, a dizer, servem todos os outros com suas rações e razões. Há também os que limpam os adubos físicos, espirituais e aquáticos. Todo um universo de celebridades infinitas que trabalham ainda: mesmo que nesse regime de clausura.

Mas um tsunami está por reboiçar as profundezas desse estábulo náutico. De longe se veem mais 12 rajadas de sóis em raios radiofônicos transformados em caracteres informações. Se haver fala, haverá socorro.

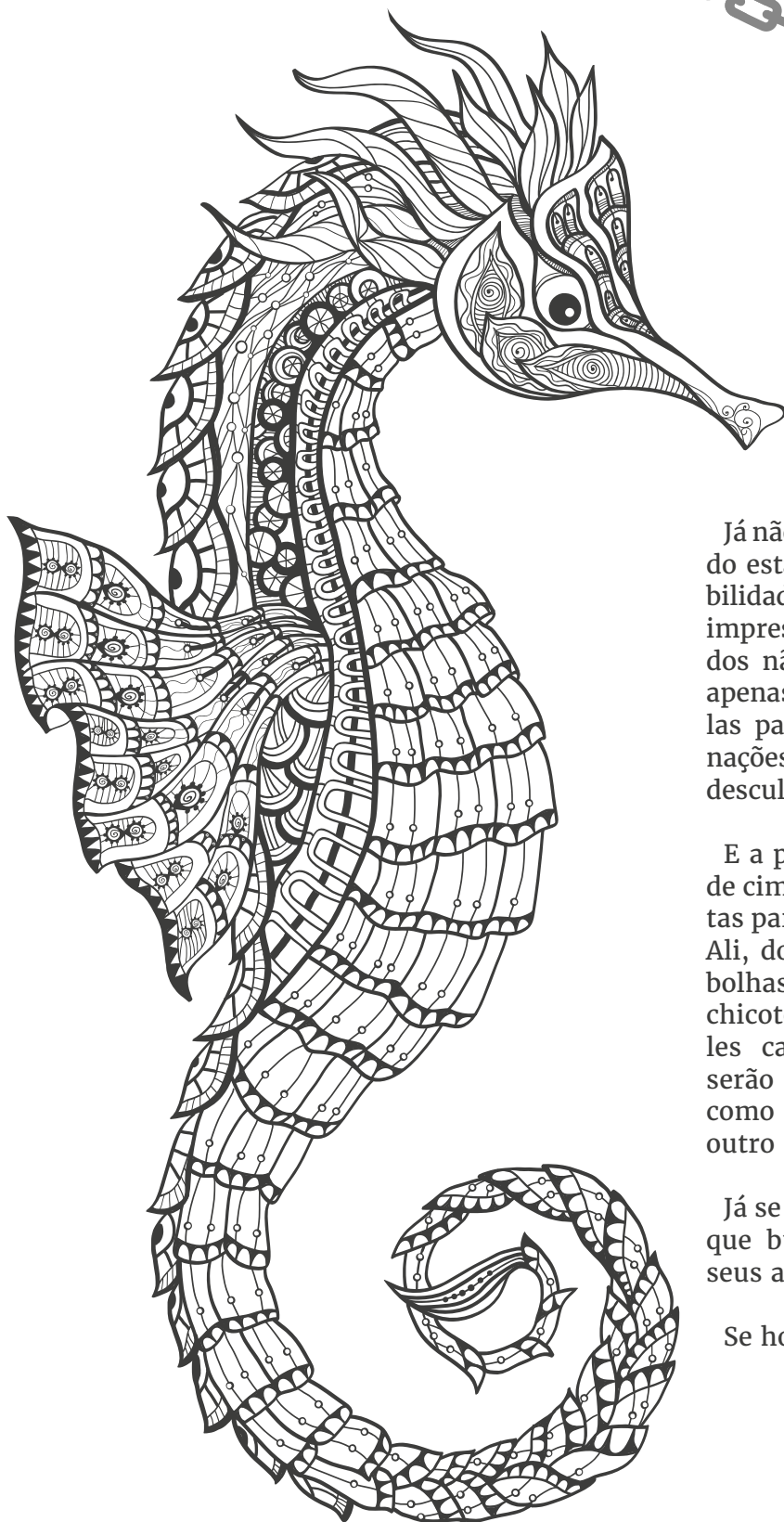
## DIA 3

Na janela da cela: mar. Navegante, célebre, infinito.

Prêmios. No estábulo hoje se escolhe o Cavalos premiado. No mar, nas superfícies, há de se eleger o encontrão de números em cartelas de cassino. Adestradamente, agora no conjunto alto-falante-televisor, relinchantes de bolhas procuram fazer como ordenado: vencedor vence virando vírus e morrendo, ou guardando a tela para completar cartelas cheias de vazios. Patinhos na lagoa já não gostaram. Se foram.

As rações servidas a toques; de; caixa; - e murros nas portas - seguem pontual em ritmo certo de general (cavalos eleito da ponte). Os de olhos puxadinhos, entre risadas e arroz, se trotam sem pensar. É preciso alimentar: os de fome sem liberdade, os adestrados e os flutuantes marinhos quase-quadrúpedes por mutações viróticas.





Já não se fala entre os habitantes do estábulo aquático, nas possibilidades de vida. O isolamento impressiona até mesmo os ecos dos não falantes. Nas esquinas, apenas as viradas de morte. Pelas paredes, talvez as contaminações. Nas mentes, apenas as desculpas dos da ponte.

E a ponte continua vigilante lá de cima. Enclausurada, com vistas para o mar e muitas regalias. Ali, dos cavalos não se escutam bolhas, só gargalhadas: mande chicotear com infrassom aqueles cavalos distribuídos! Nada serão se não números, assim como os estrelados europeus de outro século.

Já se ouve o infrassom do spray que busca o vírus, os Cavalos, seus adubos e suas Coroas.

Se houver fala, haverá socorro.

## DIA 4

Na janela da cela: mar. Desnavegante, célebre, infinito.

No profundo mar, nada. Nada de coisa alguma. Fumaça marinha é ração na porta. O cenário não se modifica, é o mesmo. Bolhas engolidas sem ar. Sem rumo, a desaparegar. O tempo parece desnivelar o horizonte. Já os Cavalos desaprendem a cavalgar e a relinchar.

No televisor a previsão de morte iminente de centenas de milhares. Vim, vi, virei vírus. Já destoando nessa dessinfonia marinha. Avesso às Celebidades Infinitas, aos da ponte, aos de olhos puxadinhos, a todos, menos àquela que traz a luz e a faz.

Os Cavalos são duros feito pedras. Nada próximos às suas impróprias naturezas. Vive melhor no estábulo o mais adaptado ao adubo que vem da ponte, dos pratos, de todos os lados.

A água que circunda a todos e a todos compõem aqui é produto de processos de filtragens. Artificialidades. Cavalos Marinhos compostos de improdutos, poluições, doutrinamentos. Quanto tempo parado, há sempre de se treinar, estocar inteligência para desutilizar incerto dia.

Educa no lugar. Como antiguidades. Musgos e ferrugens mais sabem que os benditos doutrinantes. As cabeças que pendem de cima pra baixo são só por influência de seu peso. O estábulo aquático se move, e junto vêm as crinas. O movimento de aceitação parece ser constante. E o retorno aos apertados, como prontos para

a engorda de gados, jamais de Cavalos: é certo. Há sempre toque de recolher em dias de pasto e posto.

Há de registrar o tempo de vida em números fiscalizadores. Cavalos apenas precisam apresentar seus códigos de barras, suas despersonalizadas insígnias, seus números de celas. Tudo é muito informatizado no fundo do mar. Jamais se engane.

Mais potente que vírus é controle de número ou pedaço de papel.

Desinfetante nos estábulos organizados. Nasais como Cavalos estrelados, inspira-se o gás 45. É toque de recolher. Cavalos-Marinhos dormidos.

Se haver fala, haverá socorro.



## DIA 5



Na janela da cela: mar. Nauseante, célebre, infinito.

Ondas movimentam o estábulo. Apenas ondas. A monotonia e o estacionamento intelectual continua. Não há aspirações nem inspirações por cavalos, corredores, elevadores de bolhas. Chegou o dia de marcar cada Cavalinho com o X de propriedade paga, não paga, inválida por vírus. Selecionar-se-á quem partir irá.

Os que ficarem receberão ainda adubo, mas quem sabe moedas. Produtores de lixo ainda serão. Seguidores de ordens daqueles da Ponte, certamente. Seguidores de si, jamais demais. Pacientes, tratantes, relinchando mais que suando. A vista sempre ilude Cavalos novos que no mar acha que é possível viver, fazer acontecer. O mar nada mais é que passagem, lugar de morte, onde jogamos as cinzas dos que se foram. Do mar o Cavalos tira o alimento, mas já meio avesso ao meio, precisa de campo, de evoluir, de pastos e de paisagens coloridas, não somente azuis.

Ao fundo e retornante, o mar enseja metáforas, sabedorias falsas. Mar mesmo, faz o tempo passar sem perceber. Espaço em que a vida não faz sentido se não explorada por Cavalos mais internacionais. Mar não é mãe, nem pai. Mar é sujeito estranho que vem para lhe roubar algo sagrado, senão a vida do corpo, a vida da alma: o tempo.

Amanhã será o dia inverso, senão o ontem redesenhado em cifras ininteligíveis.

Se fala socorro.

## DIA 6

Na janela da cela: Mar Morto. Renavegante, célebre, infinito.

Travessia do oposto da vida. Cavalos mortos estirados flutuando. O indesejável encontro com a ceifa da vida aconteceu. Incerto cavalos-carinho é retirado do estábulo em estado virótico, caótico. Repleto de sol, mas coberto de escuridões, seu rito de passagem. Perguntas. Desconfianças. Enganações? Aberturas. Descrições. Chamamentos. Apurações?

Nas bolhas de outros Cavalos o oxigênio dioxidado parecia inexistente. Toda respiração parou e não só naquele Cavalos inativado, paralisado, presunto. O que havia acontecido? Nas ondas das superfícies, golfinhos insinuavam o movimento complexo de interrogações, de ir em movimento curvilíneo, voltando em movimento parabólico? Pairou para mais que água interrogações naturais: socorro? Socorrem? Socos? Correm? Virose?

Os da Ponte anunciam o descaso. Cumprem sua ordem, mas de corações enferrujados de muito soldo metálico. Cavalos ainda permanecem em seus recintos higiênicos, plausíveis, até a segunda ordem. Nenhum Cavalos



Marinho sai, nenhum Marinho Cavalo entra. A celebridade é quem manda, nosso grande chefe X.

O dias hão de passar e a todos talvez libertar. Cavalos latem no fundo da mar, aprendem a rezar. Parecem estar sedentos por voar e não mais cavalgar, só lhes resta esperar. E é assim que vai ficar.

Se haver fala, haverá socorro?

## DIA 7

Na janela da cela: mar. Navegante, célebre, infinito.

Notícias estão em todo lugar. Cavalo Marinho sem vida no estábulo célebre infinito. Em televisores e telas postičas, vazamentos inesperados. Cavalos informados muito podem ressentir em seus silêncios. Um tremor marinho se inicia.

Do alto, lá da ponte, o aviso de que é preciso silenciar: Cavalo bom é Cavalo que obedece calado, obrigatoriamente. Migalhas terão para entretenimento, adubo terão para comer. No mar, quem capitaneia é quem manda! Logo, se arrumem como subalternos e nem um relinchar! Nem bolha de ar, vazios.

O impacto da notícia, no entanto, foi forte. Diversos estábulos agora cientes da morte matada ou não. E há esses outros que também percebem

baixas. Em água boa que tanto bate, tem hora que fura. “Vírus voando vem vindo”, disseram. Mas entre adubos e bolhas, sem ar, há quase uma maneira de se sair, de se escapar.

Anunciam possível liberdade, possível alforria de Cavalos diferentes, esquisitos, excluídos. A liberdade no mar é só de ida, voltar só se for em tsunami, puxando olhos.

O oxigênio rarefeito ainda acusa futuro incerto no mar, no estábulo. Mas incerta vacina começou a curar alguns Marinhos Cavalos, aqueles mais audazes, capazes. Um prego enferujado no fundo do mar parece doer mais, não pela dor, mas pela solidão em que se encontra. Prego e parafuso que se perde nessas águas, se reencontrados, são como ouro, ou ovo.

Se no mar há profundezas, sobre ele há todo um universo de estrelas apontando um outro caminho, iluminado, sereno, infinito, travessias, sutilezas, multiplicidades, criações.

Se haver fala, haverá socorro.

## DIA 8

Na janela do mar: cela. Navegante, célebre, infinito.

Talvez mais uma morte. Mais uma passagem. Uma repetição de oito dias. Trancamentos maiores. Me trancam.

Clausuras escravas modernas. Estábulo desdobrado do capitalismo tardio. O centro epidêmico do lucro sobre as pessoas. Linguagem sobre o silêncio de uma ausência de vida no corpo.

Sem o Sol, a morte dá, no entanto, luz ao corpo. Resignifica vida marinha. Farinha que esfarela ar. Gota que enxuga mar. Veias de trajetórias, de esforços sanguíneos para alcançar todos os caminhos. Abertas raízes de plantas, parte vegetativa.

O jogo ainda está para acontecer. Cavalos, estábulo, paragem, passagem e terra. Evolução das espécies invasoras. Vida renovada. Vida que se refaz de morte, de mortes. Cavalos Marinhos morrem para terra, assim outros da mesma espécie terão oportunidade, se ainda respirando, se vivos sem vírus deselegantes.

Calculam-se as profundezas do mar em relação aos astros do céu escuro, infinito. Músicas se pintam lucidamente. Muitas atmosferas ainda não podem pressionar as ideias, as liberdades, os sonhos. “Ser vivo” só assim é chamado por capacidades oníricas, espetaculares imaginações: deuses.

Quantos Cavalos ainda terão de passar à inércia de suas raízes para salvarem outros quase Cem Mil aprisionados, domesticados?

Crus que esperam, e esperam.

Tudo, tudo pode acontecer.

Se haver socorro, haverá vida.



## DIA 9

Reclusos, dois que pensam diferem no cenário. Notícias já não mais importam: missões foram cumpridas. Do dentro para o fora, o amor há vencido: como vírus replicante infinitamente.

Pensantes admiram pensamento que surge iluminado, que ilumina desde o ser ao espaço. Em comunhão, ativamente, é ele o remédio único para todos os males: a panacea verdadeira. Medicina interna e intensa, capaz de curar absolutamente tudo, capaz de restabelecer a vida, reviver. Na natureza, água, terra, seres e céus, tudo se renova, se refaz, relava. Não fica um mineral inerte ao pensamento: move o universo o pensar, o olhar, o tocar, o sentir, o vulcanizar.

Na cadeia genética de um vírus, então: o amor. Na energia genômica de um ser: o amor. No cerne do que vive e não vive: o amor. A linguagem sem criptas que compõe qualquer maneira universal de pensar: o amor. Distante do metafísico, amor é muito, é cada dia, cada movimento de vida, qualquer manifestação de progresso coletivo, amplitudes sem afetar particularidades.

O tempo durativo, o grande palco da sabedoria, dá a dois o que dá a todos.



## DIA 10

Se haver vida, após aprender de repente, na sabedoria das águas, haverá diferenças a serem vistas, perspectivas revigoradas e verdades divulgadas, espargidas mais que vírus. Cavalos Marinhos que desconhecem sua identidade animalesca, prontos para evoluírem, cambiarem.

Estábulos não de fechar, afundados junto de suas tiranias, seus desrespeitos às vidas que ali se organizam, se tentam, se procuram. Toda uma indústria marinha dedicada à escravidão moderna e voluntária está para falir, acabar. A liberdade surge após um ato de coragem, um bater de asa e um fim de jogo.

Duas almas são a diferença. Cavalos Marinhos são seres alados, coroados, flutuantes, belos, únicos. Dia virá em que poderão voar no mar, respirar fora da água, planar sobre a Terra e da terra fazerem sua cura universal para todos os males.

Cavalos Marinhos seguem sonhando.

## DIA 11

Mas quem de repente aprende, e não sempre ensina, deslumbrou o azul-rosado do mar. A diferença é a tônica do mundo, porém loucos desejam a homogeneização, o corte pela média, a massificação. Cavalos Marinhos não têm a mesma educação que outras espécies, outros grupos. São milagres por assim dizer.

A literária forma de dizer verdades apontava a reclusão, o cárcere e a vontade de mudança, de liberdade. A ida para a casa verdadeira que é o simples ir e vir. Voo exclusivo e direto para o destino certo e seguro. A vida assim é.

A linguagem se torna simples quando se diz SOS. Três, três longos e mais três. Alguém à vista? Houve morte, houve prisão, perseguição, simulacro de ditadura, o lucro sobre as pessoas.

Peixes, um dia aves.

## DIA 12

Diante de sucessivos fracassos na tentativa de escapar de sufocante estábulo, os Cavalos Marinhos muito aprendem, compreendem, se desenvolvem. Mesmo em ambiente de nenhuma mudança, de fixas ideias, eles se mantêm mutáveis, eternos aprendizes, investigadores, curiosos, inconformados, conscientes de suas incertezas; sensíveis, portanto. Mas, em mundo de brutalidades, a sensibilidade parece ser como um girassol: mesmo que belo e ensejador de edificantes metáforas, permanece frágil, suscetível, sem defesas. Os mais belos seres da natureza não possuem mecanismos de defesa contra a maldade, a violência, a vilanesca ideia. Apenas são signos: imagens da primeira, da essência, da constituição da própria intuição de beleza e bondades – mesmo não as sendo. Constituem caminhos para o aprendizado, para o discernimento. Porém são ape-



nas lembretes, fumaças de fogo, nada além disso, nesse paradigma.

Sob toques; de; caixa; ainda se despertam pela manhã os Cavalos, os presos Cavalos. E durante todo o dia marinho, os toques; não param. Alimentação é importante para manter animais vivos e saudáveis, doutrinados, comportadinhos. Não somente os Cavalos presos, como também a todos os outros. O regime disciplinar quando instaurado faz do vigia também um presidiário: já que em prisão, quem tá dentro, não tá fora.

Assim também seria, se, ao engaiolar um pássaro, também passarmos a habitar sua pequena jaula. Teríamos capturado-o e por ele também seríamos capturados. Capturei-captura. Um fetiche eterno entre senhor e escravo. Dupla dominação, falsamente imperceptível.

Todos os Cavalos se prendem uns a outros, se cambiam em mutualismo prisional, se vigiam. Os mais sensíveis girassóis, no entanto, podem ser replantados em outras terras e seguir buscando sua própria ternura constitutiva – e, porque não, poética. A tristeza é a víscera da poesia; a alegria, sua materialização. As flores apodrecem como corpo, já disseram em bom e alto francês, assim como Cavalos Marinheiros lá no fundo, nos estábulos.

Porém, na mente sensível e profundamente marinha, ou solar, há regenerações, mudanças constantes, amplidões, horizontes impuramente belos: primeiras noções das coisas, crianças de vidas.

**Eu inicio  
estou no caminho  
preso ao começo  
no esquerdo  
navio célebre  
Navalha**

## DIA 13

Na superfície da imensa massa de água, o movimento de partida. Por séculos navegando, estábulos modificaram toda a vida na Terra. Cavalos Marinheiros são sempre internacionais, do mundo. Representam as forças corporais de diversos locais, culturas, ares. Explorados sempre, são fortes iniciadores, fazedores.

Mentalmente possuem duas visões: presente e passado. Nada mais vivem que esses dois tempos, sem saberem se existem tantos outros. Eternos visitantes de todos os lugares, mas pertencentes a nenhum, lugares-nenhuns. Por diversas vezes nada são, senão, belos exemplares de uma vida impossível, improvável, sem bases sólidas: cegos presos em regime de eternidade cega.

Os sinais que reconhecem em alto-falantes são muitos. Sabem o toque em que a morte lhes espera: sete curtos e um longo. A passagem só de ida sempre está comprada, apenas se aguarda a data, o fechamento das contas com o destino.

Há os dois Cavalos que diferem assim como tantos outros em pares.

Porém, só serão o que nasceram para ser, se conseguirem se desvencilhar do tal circuito de dominação e maus-tratos, desprezos transfigurados em boas risadas, amizades de superfície e diversões programadas em festas, cartelas, televisores. Em terra evoluirão, talvez de espécie. Deixarão de ser Cavalos Marinhos para tornarem-se bípedes pensantes, sábios ativos, construtivos.

Assim, então, aprenderão sobre o tempo que lhes falta e existe, sempre os esperando: o futuro.

## DIA 14

Na janela: redemoinho. Constante agitação. Ansiedades.

Debruçados uns sobre os outros, centenas de Cavalos Marinhos acordam em outro estábulo. O futuro foi apagado. Passaram-se tempos. As medidas derreteram-se como no quadro surreal. Todo sofrimento se potencializa. Em outras paragens ecoa o sussurro de liberdade. Ódio jorra pelos Oceanos. Estábulos são também esconderijos de linguagens ferozes e vontades de morte.

Aos poucos se dão com outro mar. Tridente como símbolo em bandeira hasteada, um espaço para transportes e perdas de tempo. São reis os da ponte, nas ondas corrompidas pelas violências e interesses de domínios. Nada pode salvar centenas, quando

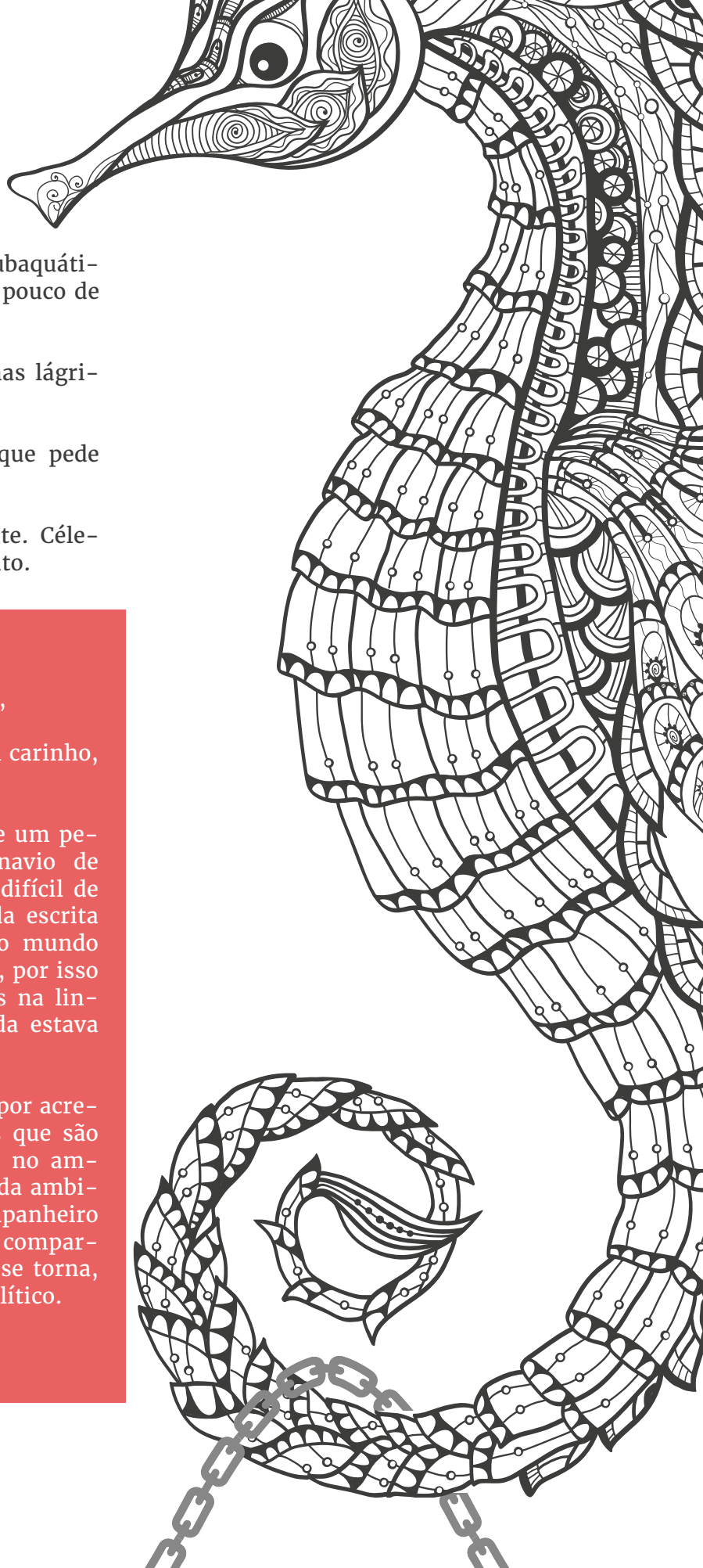
não há unidade. Cem separados diferem de cem agrupados.

Chega o momento de náuseas e navegações sem sentido. A inconsciência parece imperar, no entanto. Retoma o despertar. A noção do tempo se desfaz, novamente. Toda clausura impera no meio do mar. Alimentação inconstante, ruim. Ar rarefeito novamente. Toda imensidão marinha é artificial. Incongruente. Inóspita.

Das violências da reclusão e das solturas mentais, as metamorfoses. Resignificar a luz em seus ínfimos particulados ácaros. O pó do mar violento é sempre doce. A regra é a descaracterização dos valores. Os Cavalos Marinhos sofrem como flores a emanarem alegrias, mesmo que ceifadas, já postas sobre caixões em meio a funerais. As flores do mar não renascem.

A multidão acordada agora clama em meio à revolução de um reboliço intenso. Desnorteados, sem bússolas, sextantes, quadrantes, incommunicantes. Pensam em ir sem mais voltar. Os da ponte sempre mudam, sempre se escondem, mas sempre mandam. Remontando cenário de campo de concentração, nossos Cavalos rumam ao arame farpado. Corpos a serem dilacerados no ar. O habitat do sofrimento é o poder dado a outrem. Toda vida jogada ao mar é sustento de uns, tristeza de muitos, morte de tantos.

Em quarentena eterna, a vida em estábulo não se renova. A hora que se espera é a de partir, de transformar



uma vida de Cavalo e ceta subaquática em dignidade e um certo pouco de subsistência.

Sofre a água que escorre nas lágrimas dos Cavalos.

Sofre o tempo tripartido que pede soberano: Liberdade.

Na janela selada. Navegante. Célebre. Refletido. Equino. Infinito.

### Depoimento:

Queridos irmãos das Letras,

Encaminho meu texto, com carinho, para vocês.

Esse texto foi feito durante um período de quarentena em navio de cruzeiro, no qual foi muito difícil de superar, porém, por meio da escrita pude mover, literalmente, o mundo em meu favor. Sofri censura, por isso as mensagens eram cifradas na linguagem literária. Minha vida estava em risco.

Entrego esse texto a vocês por acreditar no poder das palavras que são modeladas na universidade, no ambiente de aprendizado, fora da ambição mercadológica. Um companheiro se apoia no talento do outro, compartilha, colabora, se diverte e se torna, cada vez mais, solidário e político.

Um grande abraço.  
Caio.



# FOI-SE EMBORA UM BRAVO

Por:  
**Paulo Cezar  
Santos Ventura**

Professor (aposentado)  
do Cefet-MG  
(Departamento de  
Educação). Professor  
das Engenharias e dos  
Mestrados em Educação  
Tecnológica e Estudos  
de Linguagem.

**M**eu nome é Juca. Aliás, isso não é nome, é um apelido. Eu o adotei na infância porque meu nome, que defino como horróroso, é José Hermenegildo dos Santos. Para não ser chamado de Zé, como quase todos os Josés, nem de Gildo, me autodenominei Juca. Mas nome costuma perseguir a gente. Quando rapaz, comecei a trabalhar em uma oficina e pedi que as pessoas não me chamassem de Zé. Não teve muito jeito. Virei Zé por algum tempo. Tempos depois saí daquele emprego e já fui logo dizendo: meu nome é Juca. Sou o Juca desde então.

A intenção deste meu relato é narrar algumas peripécias de um ancião vivendo em tempos de quarentena – como tudo isso mexe comigo e com todas as pessoas, imagino – e filosofar um pouco sobre o ser humano em geral, esse



ser totalmente incongruente, ambivalente e, muitas vezes, cruel. Pode ser uma tarefa insana, talvez não terminada, porque não sei que rumos essa pandemia vai tomar. Caso eu não termine esta narrativa, peço a quem a encontrar acrescente ao final a frase: “Foi-se embora um bravo”. É o que eu gostaria de ter escrito em minha lápide. Mas, se eu morrer de covid-19, certamente nem lápide terei.

A partir de dezesseis de março de dois mil e vinte, todos os cidadãos de minha cidade – interiorana encravada entre as montanhas da Serra do Espinhaço e bem próxima a Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais – foram convidados a ficar em casa, em

quarentena. Sair de casa apenas para compras de alimentos e remédios. Não houve uma paralisação total, mas foi solicitado à população certo bom senso (inexistente) nas saídas e deslocamentos. E um objeto impensado passou a fazer parte de nosso vestuário: a chatíssima máscara de proteção. Pode até parecer bonitinho sair de máscara, muito embora quem faz uso de óculos com lentes multifocais, em função de multiproblemas visuais, a tenha tomado como um problema sem solução. Os óculos, além de ficarem embaçados, ficam enormemente prejudicados quando usados junto à maldita máscara. Eu xingo a mim mesmo todas as vezes que a uso. No entanto, como um cidadão de classe



e respeitoso das regras de convivência geral, faço meus esforços e saio de máscara.

Uma tarde percebi que um resfriado me pegou, só que esse é diferente. Tosse, febre e dores variadas. De leve, mas incomodantes. Já é motivo para preocupação, afinal de contas não vacinei ainda para gripe. Todas as vezes que passei no posto de saúde, a vacina havia acabado. E está frio pra caralho aqui nesta terra.

Completando a ficha, já fui casado três vezes, tive filhos com uma das esposas, adotei filhos de outras, fui padrinho de vários outros, e minhas profissões anteriores (hoje sou aposentado, ou vagabundo) me colocaram em contato contínuo com vários jovens. O que já fiz na vida não interessa muito a esse relato, porque o foco aqui são os dias passados em quarentena. Tudo isso ficou para trás e, da família, ou das famílias que constituí, restaram lembranças, apenas. Boas e ruins. Creio que não sou boa pessoa porque esses denominados familiares não me procuram. Abandono é sina de ancião? Não fico me lamentando, com certeza minha vida hoje é produto de minhas condutas no passado. Então, se não tenho ninguém, nem recebo visitas, é porque assim tem que ser. Com relação aos dias de quarentena, há quem diga que seja uma medida desnecessária, que a economia vai falir. Mas a economia é um ente abstrato, eu não. Eu sou concreto, de carne e osso e, de emoções, sou um poço.

Eu me mudei para um novo endereço uns dias antes da deflagração

da quarentena, e isso foi uma sorte. Moro em uma casa ampla, mas não muito grande, onde instalei meu escritório, biblioteca, cozinha e quarto. E tenho um grande espaço externo para trabalhar. Tenho também acesso à oficina de um vizinho, trocamos ferramentas. Assim, passo parte de meu tempo construindo pequenas peças para meu mobiliário, usando madeiras descartadas que encontro na vizinhança.

Outra grande vantagem de minha mudança é que, às vezes, tenho a companhia de uma namorada, que mora em uma cidade perto. Estávamos os dois começando um relacionamento, e ele foi esquentando, esquentando, já ficávamos a maior parte do tempo juntos. Então resolvemos ficar mais tempo, em quarentena, juntos. Logo, moro em um lugar superagradável e quase sempre com ótima companhia. Ela, minha companheira, é alegre, acorda sorrindo, sorri o dia todo, cozinha maravilhosamente e toca violão muito bem. Ela veio com seu violão, seus livros e sua caixa de sapatos. Como é possível uma pessoa ter tantos sapatos? Ela tem mais sapatos que eu tenho de chapéus. Talvez ela pergunte: como é possível uma pessoa ter tantos chapéus? Além de colecionar chapéus, eu também escrevo. Escrevo para viver melhor. Poucos leem, é verdade, mas eu escrevo para conservar minha sanidade. E escrevo todos os dias para escrever melhor.

Recebo recados dos amigos, de todos os gêneros: “Fique em casa, meu querido”; recados dos irmãos: “Juca, fique em casa”; recado dos filhos:



“Pai, fique em casa”; recado dos netos: “Vovô, fique em casa”. Apenas minha namorada, que divide comigo a quarentena necessária, diz de vez em quando: “Querido, estamos sem verdura para o almoço, vai ali no mercado e compra um pé de couve”. Então eu ponho a máscara, calço os sapatos, que já ficam do lado de fora, coloco meu chapéu e luvas e saio. Na rua costumo encontrar algum conhecido que me fala: “Meu senhor, não é melhor ficar em casa?”. Chego no sacolão, a duzentos metros de distância, e tem um cara na porta, sem máscara e sem luvas, mas com uma garrafa de álcool em gel na mão e me besunta todo. Se ele estiver contaminado, eu já estou fodido. Na fila do caixa, um monte de gente olhando uns para os outros, como se houvesse extraterrestres em cena, e sempre aparece alguém para te lembrar: “Você não deveria estar em casa, seu velhote?”. Velhote é a puta que te pariu, jovem idiota.

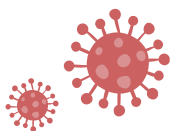
Depois do cafezinho, eu e a mulher que comigo divide o espaço em quarentena (será que ela está me aguentando, afinal em meu currículo está assinalado pelas ex-mulheres que sou chato pra caralho) ficamos conversando e namorando. Estamos em lua de mel na quarentena. Afinal, viemos morar juntos quando a porra do Sars-CoV-2 resolveu bagunçar o correto e a economia do mundo e matar alguns velhotes (velhote é a puta que te pariu), principalmente aqueles com histórico de doenças. Ainda bem que chatice não é doença.

Aquela “gripezinha” (palavras do merda do presidente do país), no entanto, continua me perturbando. Tos-

ses, espirros, febre, dores. Mas, como eu raramente pego resfriado, pensei que fosse apenas por causa do frio. Estive no posto de saúde, e a atendente me falou: “Isso deve ser só um pequeno resfriado, o senhor respira bem, então vá para casa”. Aqui é mais perigoso porque temos casos de doentes com covid-19 sendo acompanhados. Voltei para casa e não recebi atendimento médico.

Dois dias depois, voltei ao posto de saúde porque minha “gripezinha” piorou. Dessa vez fui atendido e fiz o teste. Positivo. Puta que pariu, estou “covidado” (palavra nova que inventei). E agora? Pedi para testarem minha namorada também. Deu negativo. Menos mal. Só que, a partir de agora, ela não poderá mais ficar comigo. Teremos que dar uma pausa em tudo aquilo que estávamos começando, que era, principalmente, recomeçar nossas vidas. O que não é fácil para mim, com mais de sessenta e quase setenta anos na cacunda (assim diziam meus antepassados, temos um peso na cacunda).

Voltamos desolados para casa, e eu a obriguei a ir embora de volta para sua cidade, sua casa anterior, junto com sua filha. Ela estava descontaminada, ainda, e assim deveria continuar. Porque, apesar de eu não ter nenhum daqueles problemas de saúde que colocam as pessoas na posição de risco, a minha idade me compromete, claro. Ela, mais nova, poderá ter outra chance na vida. E, caso eu me recupere, a gente se reencontrará, lógico. Com muita tristeza, foi o que aconteceu. Ela se mandou, e eu fiquei só. E tendo que cuidar de mim mesmo.







Mesmo assim tento manter meu bom humor e minha rotina. Leituras, escrituras, e arrumações do espaço doméstico. Continuo minha fabricação de pequenos utensílios que possam ser úteis na organização da casa. Agora tem um elemento novo: o vírus. E, com ele, febres, dores, tosse, espirros, corpo pedindo cama e eu negando. Se deitar, corro o risco de não levantar. Se for para morrer, morro em pé.

Um amigo me enviou um filme, no qual temos uma participação. O filme me tocou tanto que não consegui, por um tempo, fazer mais nada. Eu gostaria de encontrar aquelas pessoas mais vezes, e o faríamos não fosse a pandemia. Que merda! Minha coleção de afetos estando trancada a

várias chaves, eu querendo exibi-la para os queridos e não consigo. Não posso sair de casa. Pena. Com o covid em mim piorando nem sei se poderei encontrá-los de novo. Se sairmos desta, colocaremos os afetos em dia.

A coisa ficou mais feia do que aparentava antes. Os sintomas do famigerado covid me assustam e deverei ir ao hospital. Irei hoje ainda, à tarde, sem aquela certeza de que voltarei. Colocarei em minha mente que sim, estarei de volta. Sempre fui um otimista inveterado e não será agora que deixarei de sê-lo. Provavelmente ficarei na fila de doentes que aguardam atendimento no hospital, verei gente entrando e saindo, mortos e vivos, e gente chorando alto e baixo. Então preciso desesperadamente de

minha tranquilidade, de minha calma conhecida para lidar com situações de estresse. Levarei meu notebook porque quero continuar a escrever esses relatos. Quando comecei, a intenção era outra, mas agora gostaria de continuar a escrever. Enquanto der. E aí a gente se pega refletindo sobre o tempo: o que passou e o que nos resta. Coisa de velhote (de novo? Velhote é a puta que te pariu).

O tempo é frustrante? Só quando estamos com pressa e, de repente, temos que parar para dar um tempo para que as coisas se resolvam da melhor maneira, sem nossa intervenção. E esse isolamento nos cria uma sensação de enorme inutilidade. Aos poucos, mais ninguém lhe telefona, mais ninguém lhe manda mensagens, ninguém mais lê, curte e comenta o que você escreve nas redes sociais. Isso é isolamento total. E você descobre que não é mais útil para ninguém e tem medo de morrer assim mesmo. A sensação de inutilidade não açoda o desejo de morte. Sim, isso é uma forma de estar vivo, de se sentir vivo. Não ser útil para ninguém e não querer morrer. Porque nós somos mais que isso. Somos mais que a soma de nossas intenções, nossas vontades. Somos mais que a soma de nossos desejos. Tem algo na conta que conta mais que as parcelas, e o resultado é maior que imaginamos. É aí que volta a esperança, exatamente quando estamos no escuro e percebemos que a luz da manhã vai chegar a qualquer momento e, como pássaros de madrugada, levantamos e nos preparamos para alçar voos. Só levamos conosco nosso passado, ele gruda em nós como eco de nos-

sas falas, nossos gritos. Como eco, não como peso. Eco não pesa, apenas sussurra em nossos ouvidos. E assim podemos sair desse mundo escuro como os contos de Edgar Allan Poe.

Hoje, no hospital, eu ouvi uma frase interessante sobre o medo: “Medo a gente tem, mas não usa”. Era de uma pessoa que tem que lidar cotidianamente com situações provocadoras de medo. Mas não pode se entregar ao medo. Guardei a frase para mim. Tenho medo de morrer por causa do vírus? Sim, tenho medo, mas não o usarei. Tentei me cuidar ao máximo, mas não uso o medo, porque o medo nos impede de agir em casos graves. Precisamos dele para duas coisas: para ter coragem e para não correr riscos desnecessários. Estranho? Aparentemente contraditório, correto; no entanto, tenho medo, mas não quero usá-lo. Muito chique. E aqui em minha posição não há como fazer nada. Estou nas mãos de pessoas trabalhadoras da saúde e nas mãos do acaso. Se por acaso eu conseguir um leito de UTI, sim a respiração está horrível; se por acaso houver respiradores no hospital; se por acaso os médicos e enfermeiros não adoecerem também, se por acaso minhas imunidades me ajudarem, se por acaso... São muitos acasos.

Um colega de embarços, na maca ao lado, me disse: “Reza, é a única saída”. Eu que nunca fui de rezar na vida, mal aprendi o pai-nosso porque muitas situações sociais, como casamentos, batizados e velórios, pedem a oração, teria agora que rezar? Por acaso, não. Faço minhas reflexões, meditações. Comecei a pedir aos ori-

xás, a meus ancestrais indígenas, a meus parentes que já se foram. Peça a todos. Pedir não faz mal. Se for atendido, farei melhor que já fiz na vida. Penso que este seja o lugar comum de todos quando estão em risco de morte: se vivo continuar, ser melhor do que já foi. Nunca é tarde, um lugar comum.

Vieram me buscar para me encaminhar à sala de UTI (Unidade Terminal dos Idosos) para ser entubado, em coma induzido, e usar o respirador mecânico, pois meu estado se agravava, mas eu ainda tinha uma chance.

Pedi um tempo para terminar de escrever este relato e enviar, via e-mail, para um amigo, para, no caso de minha morte, ele colocar aquela frase-epitáfio que escrevi: “Foi-se embora um bravo”. E também passei uma lista de telefones de parentes para que fossem comunicados no caso de meu não retorno do coma. E que, nesse caso, me cremassem. Pelo menos o fogo cuidaria daquele vírus. Como sou otimista, escrevo ainda: até breve, vida. Aguardem-me. Se eu morrer, que este relato seja meu legado.

Até breve.

*P.S.: meu nome é Ricardo Reis (médico atue meu nome é Ricardo Reis (médico atuante no Rio de Janeiro) e recebi de meu amigo Juca (nem sabia qual era o nome real dele) um e-mail com este relato dos últimos dias que dele temos notícia. Juca vivia recluso. Embora tivesse vários amigos e vivido três casamentos, com filhos e netos, resolveu viver em um local isolado, praticamente em solidão. Eu, por exemplo, nem sabia de sua última companheira. Fui em seu endereço, e a casa estava vazia. Seu vizinho contou-me que sua filha apareceu com um caminhão para retirar suas coisas, mas não disse nada sobre ele: se sobreviveu, se iria morar com ela em outra cidade, se reen-*

*controu sua namorada e tenha ido viver com ela. E no hospital ninguém soube me dizer o que acontecera. Ele não usou seu apelido, Juca, para se hospitalizar e, como o número de doentes, mortos e curados era muito grande, talvez os registros tenham se perdido. Este mistério permanecerá, a menos que ele mesmo reapareça de suas cinzas e nos conte. Sobre seu notebook, ninguém deu notícia.*

*Envio este relato para que sua revista o publique, caso haja interesse, mesmo que seja em coletâneas ou em antologias de contos de quarentena.*

*Obrigado.*

# HOSPEDEIRO

**Por:**  
**Ana Paula Dacota**

Poeta, autora de *Perfume atrás da orelha* (Alma de Gato, 2019). Formada em Letras e mestranda em Estudos de Linguagens pelo Cefet-MG.

A fazeres diários rondando o instinto de preservação como boias de salvação de uma vida que teme que ama que almeja algum futuro isolada circunscrita às paredes da casa onde as horas se consomem entre o necessário e o supérfluo submersa cada vez mais em um cotidiano onde se espera todos os dias que as letras negras do jornal tragam a notícia da descoberta de uma cura seja de onde vier mas tudo o que se lê traz só mais desalento e assim se passam semanas e meses com as estações se alternando enquanto à noite se enrosca na cama em posição fetal abraçando uma almofada no lugar de outro corpo na cabeça desfile de corpos no corpo sedento de toques a chama de um amor que ainda arde e não há o que fazer a não ser esperar que ela se apague diante das portas e janelas trancadas diante do não diante do nunca diante das muralhas que antes eram contornáveis com o mundo sempre batendo à porta precisando a toda hora chamando pelo nome o tempo todo distraindo o tempo todo adulando o tempo todo a razão drena a dor a razão drena

o temor a razão drena tantos sentimentos e transmuta-os só não consegue drenar o amor cuja intermitência preenche a existência e apesar de sugar tanta energia também dá de beber e de comer para a criação emergente que entorna em poemas em textos em imagens ressignificando a luta e o caminhar e quem poderá dizer que não existe razão nas coisas feitas pelo coração se o que nos move e alimenta e nos faz humanos é a nossa capacidade de nos inventar dia após dia de renascer noite após noite depois que nela nos diluímos e sonhamos sonhos que podemos ter sem saber se poderemos ser porque a meta agora é sobreviver jogamos nossas naus tão atrasadas no mar virtual usando instrumentos tão avançados tentando recuperar o tempo perdido entre bytes megabytes e terabytes ilhas portos novos territórios navegamos tentamos mapeá-los enquanto eles mudam a cada segundo naufragos geolocalizados derrotados tantas vezes angustiados não desistimos jamais levantamos a cabeça continuamos a jornada tentar e tentar outra vez é o que nos resta resistir e insistir para existir só assim se consegue ir além das paredes e dos muros que nos separam que se tornaram barricadas em uma guerra viral uma guerra invisível em que o outro é o inimigo que carrega consigo o mordeador em forma de hospedeiro.



# SEM RODEIOS

Por:  
Andressa Marinho

Uma menina-mulher, mineira, estudante de Letras do Cefet-MG, que já andou um bocado. E nessas andanças que seus pés fizeram, sua cabeça tornou-se ainda mais itinerante. Pensa aqui e acolá. E o isolamento pode até ter aprisionado o seu corpo, mas não conseguiu tirar as palavras de seus pensamentos. É com elas que continua viajando sem parar. Ah, também escreve em seu blog [minhasconfissoesandressa.wordpress.com](http://minhasconfissoesandressa.wordpress.com).

O que fazer quando as palavras parecem, repentinamente, se dissolver sem muitas explicações? Como a água que não fica por muito tempo nas mãos, assim as palavras fugiram de mim. Então, resolvi dar voz ao silêncio. Não numa tentativa de o descrever, mas de vivê-lo.

Não fiquei *off-line*, mas quebrei, ainda que involuntariamente, a minha própria expectativa de produtividade (não queria usar essa palavra tão gasta nos últimos dias, mas foi a que encontrei). Eu imaginei bem diferente: planos tirados do papel, escrita em quantidade e profundidade ainda não vista, leitura voraz e até mesmo novos talentos sendo explorados. Queria seguir aqueles tantos conselhos sobre aproveitar o período de isolamento. Ilusão.

Nada de pilhas de livros lidos ou novos *hobbies* adquiridos. Estou bem aqui em pequenas/grandes batalhas diárias. Às vezes o fôlego é pouco, mas quer saber? Ele ainda corre aqui dentro de mim. Nada de transformação repentina ocasionada pela privação social, mas



aprendizados constantes e doloridos sobre a vida. Também não estou com uma nova lista de certificados para entrar em meu currículo, mas quer saber? Tenho aprendido a importância de valorizar, enquanto é tempo, as pessoas que a gente ama. Uns ficaram, outros surgiram e outros se foram. Bendito seja quem Deus colocou em nossas vidas.

O milagre pode ser sutil, muitas vezes. A espera pelo tratamento da doença que apareceu misteriosamente nos tira os olhos dos tratamentos diários a que somos submetidos. É lá dentro, na parte invisível de todo ser humano, que moram aquelas feridas que nos consomem sem aviso prévio e de cujos efeitos demoramos a nos dar conta. Essas feridas, que não têm cheiro nem aparência, vão se acomodando dentro de nós e se fazem hóspedes indesejados. São essas feridas que ficaram tão expostas durante este

tempo; e tivemos o convite de lidar com elas ou de ignorá-las.

Bom, em passos tímidos eu sigo entre o desânimo e a alegria, mas nunca sem a esperança. É de esperança que encho minha bagagem todos os dias. Essa esperança que me reorienta, me impulsiona, quando tudo me faz parar. Essa esperança que tira os meus olhos da comparação alheia e me faz olhar e contemplar o que um outro, chamado Jesus Cristo, já fez por mim. É de esperança que se faz todo o meu caminho, ainda que eu ande em meio ao caos.

Sim, entre altos e baixos, em passos lentos, mas nunca só. Eu podia até estar escassa de palavras, o silêncio pode até ter se tornado a minha poesia e canção, mas foi uma palavra fora de mim que me fez continuar. E é nela que descanso, é dela que me glorio, é por ela que continuo.



# NOVOS TEMPOS NOVOS DESAFIOS

“As coisas que não existem são as mais bonitas.”  
Manoel de Barros.

**Por:**  
**Lindomar da Silva**

Natural de Guidoal, é formado em História e Filosofia. Atualmente é diretor de Estabelecimento de Ensino da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. Livros publicados: *A casa de Maria* (2011); *Soltando os bichos em três tempos* (2011); *A cidade e o rio* (2011); *O céu de Maria* (2014); *O menino e o pássaro* (2017); *Petrina* (2018); *Em pedaços* (2019) e *O menino e o avô menino* (2020).

**M**eu primeiro livro para a infância foi publicado em 2011. E, naquele mesmo ano, tive o privilégio de publicar outros dois. Depois disso, não parei mais de escrever. Publicar, nem tanto. Escrevo quando visitado por uma inspiração. Primeiro ela chega, às vezes provocada por uma imagem, por uma história contada, por uma reportagem, por um filme, por uma viagem, por outras leituras. Às vezes chega depois, quando menos espero. Por isso, sempre carrego uma caneta e um bloco de anotações. Tenho oito livros publicados. O meu primeiro livro, *A casa de Maria* (2011), foi inspirado no curta-metragem *Vida Maria* (2006). O texto veio completo, de uma só vez. Bastou a cena da primeira menina Maria debruçada na janela, “fica aí fazendo nada, desenhando nome”, e um céu de anil lá fora, entrando pelo quadrado da janela da casa das Marias. Depois de escrito, veio o trabalho cuidadoso de cortar e lapidar

palavras. Mas nem sempre é assim o meu processo de criação.

Quando escrevo meus textos literários, meu único compromisso é com a beleza e com a experiência estética do leitor em potencial. Gosto da prosa poética, dos silêncios das palavras e de brincar com textos de outros autores. Meus dois últimos livros, *Petrina* (2018) – obra selecionada para o programa *Minha Biblioteca*, da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, em 2019 – e *O menino e o avô menino* (2020), fazem várias referências a autores e artistas de diversas áreas. Gosto da intertextualidade, ela permite conexões com outras linguagens, sentimentos e emoções. Histórias tristes também precisam ser contadas, assim como histórias com final feliz. Minha escrita literária reflete a infância que vivi no campo, inventando brinquedos e brincadeiras no quintal de casa. “Assim, as pedrinhas do meu quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo”, já disse o poeta<sup>1</sup>. O campo me ensinou a sonhar o amplo. Outra fonte de inspiração é o meu contato diário com a menina. Os meus livros nascem desse olhar atento para a natureza, dessa convivência carregada de in-

fâncias no chão da escola, pelas leituras de mundo e pelas viagens que faço pelos interiores do Brasil afora e meu adentro e afundo.

Gosto de escrever para a infância. O público infantil é muito exigente, cativante e inspirador. A criança escolhe um livro e diz exatamente o que pensa. Tenho essa experiência na escola, quando os leitores mirins me procuram com o meu livro na mão, ou com o de outros autores, e fazem comentários e considerações surpreendentes.

Algumas observações são tão criativas, reflexivas, espontâneas e inusitadas, que chego a desconfiar que o escritor nem sempre é o seu melhor leitor. A garotada vê sutilezas que às vezes nem o próprio escritor percebe, quando escreve. Talvez nem o ilustrador, quando ilustra. Daí a beleza de escrever para a infância. Mas gosto de dizer que escrevo para todas as idades. As crianças me leem mais.

Escrever na pandemia se tornou um desafio ainda maior. O isolamento social me privou da fonte viva e real das minhas inspirações. Porém, sem o contato presencial com as pessoas e,

---

<sup>1</sup>Nota do Editor (N. E.): referência ao poeta Manoel de Barros em *Memórias inventadas*.

principalmente, com as crianças – e com mais tempo para ficar em casa –, a leitura ocupa ainda mais um lugar privilegiado na minha nova rotina. Ler se tornou uma maneira de povoar de aventuras, personagens e imagens as minhas horas solitárias e por demais longas. A leitura literária sempre fez parte do meu cotidiano e dos meus hábitos. Não consigo viajar sem livros na bagagem. Os livros sempre me acompanham, nunca tiram férias de mim. Minha casa é feita de livros. Meu local de trabalho tem biblioteca.

Acredito que só um bom leitor se torna um bom escritor, ainda que nem todo bom leitor seja um escritor. Tenho revisitado alguns textos já escritos e guardados. Textos literários também precisam de descanso e repouso. As palavras precisam de tempo para respirar. “O verbo tem que pegar delírio”, já disse o poeta<sup>2</sup>. Tenho lido mais. Tenho escrito menos. São tempos de incertezas.

A pandemia do novo coronavírus aprofundou ainda mais a crise do mercado editorial. Ainda assim, tive a alegria de finalizar em abril o projeto de um livro, aprovado no final de 2019. E tive a felicidade de assinar um contrato editorial em setembro.

2021 será ano de livro novo. Devido ao distanciamento social, e de acordo com os protocolos de segurança, tudo ficou diferente, de repente. O lançamento, previsto para ser presencial, aconteceu de maneira virtual. Participei de várias lives. São novas experiências, outras vivências e aprendizagens significativas. Confesso que senti falta de abraços, de apertos de mãos, de calor humano, de barulho de criança, de autografar em meio a tanta gente. O novo normal ainda me parece estranho. Novos tempos, novos desafios.

Ao mesmo tempo, ficou evidente o potencial das mídias digitais para a divulgação e articulação de leitores e leituras. O mundo literário também se reinventou. Tenho tido acesso a vários trabalhos de colegas escritores. Tenho assistido a inúmeras *lives* sobre o vasto universo da literatura. Os meus livros estão todos disponibilizados em forma de vídeos ou de imagens, ora feitos por mim, ora por escolas, ora por meio das estratégias de divulgação das editoras, ora por amigos leitores e contadores de histórias. Nunca minhas obras literárias circularam tanto nas redes sociais como agora. Nem tudo são pedras no meio do caminho.

---

<sup>2</sup>N. E.: referência ao poeta Manoel de Barros em *O livro das ignoranças*.

# UMA DA TARDE

Por:  
Gustavo C. B.  
Kolliner

24, gaúcho com sede em Minas Gerais. Empresa privada no ramo existência que consome sorvete de morango e pizza de Margherita com frequência.

Ouvira no rádio que hoje era o dia, às 13h. Tinha tantos planos que nem sabia por qual começar. Tomar sorvete de casquinha? Correr rápido pela rua 4? Ou andar descalço na grama da pracinha? “Depois”, pensou; “primeiro, aquilo”. Olhou para o relógio digital na estante: 12:51. Levantou-se com pressa, foi até ao varal no quintal e apanhou uma máscara de pano que, estampa de herói, tinha. Colocou-a no rosto com cuidado, como lhe fora ensinado e, contente, correu para pegar aquele objeto que guardou por tanto tempo. Gritou do quintal que logo voltaria. Abriu o portão e atravessou a rua em direção à casa do outro lado. Tocou a campainha, tremendo de felicidade. Uma menina sorridente atendeu, e ele, sem hesitar, disse, erguendo a bola em suas mãos: “Oi, que saudade! Vamos brincar?”.







---

# QUARENTENA



Por:  
**Marina Tamie  
Santos Kon**

27 anos,  
instagram:  
**@\_marinakon**

**E**u já havia atingido a minha integralidade antes mesmo de os cereais se tornarem integrais. Sou o que não se perdeu, mas principalmente o que se perdeu. Uma vontade pura de ser o que já era quando me perguntavam o que eu queria ser quando crescesse. Há dias em que eu acordo e ainda sou aquela menininha boba com um gato no colo e uma necessidade enorme de ser consolada e de consolar o mundo. A minha ferida é a dela e a dela é a minha. Criança de poemas doces e melancólicos demais para a sua idade; para pegá-la no colo, basta que eu abrace a mim mesma. Dizem que a mente não consegue distinguir um abraço entre duas pessoas de um abraço em si mesmo. Talvez ainda falte ao coração aprender um pouco mais. Nesses dias, isolada, eu finalmente entendi que qualquer sentimento que surja é legítimo e que quando a realidade se torna dura demais é que a arte enfim respira. Pela manhã, brinquei com os anagramas do nome dele e descobri que formavam a palavra *poder*. Ele sempre tentou exercê-lo sobre mim, tentativa tão frustrada



quanto a de ir ao supermercado na quarentena para forjar diversão. O nome dele forma a palavra *podre* também, mas deixe a mágoa praquele depois que não chega nunca. Por um momento eu pensei no outro e até no Drauzio Varella: “Solidão, né, minha filha?”. Isolamento precisa ser profundo para existir. Há momentos em que a gente se enxerga tal como é e não gosta do que vê, mas tá tudo bem. Ninguém é bonito assim o tempo todo, e ver beleza no caos faz da gente mais humano. Tenho aprendido que o perdão é arte difícil, mas me disseram que usar a palavra *desafiador* o torna mais acessível. De repente, eu olho de novo para o outro e não me falta nada, ainda que eu não me veja na sua poesia e ele apareça na minha, de forma triste. É sempre triste. Mas não há tormento, nem passividade, pelo contrário, é só uma atração sem ser doença. Eu não sei se o amo, mas

eu sinto amor. Talvez haja uma diferença mínima entre um e outro, mas crucial, entre sentir e entregar o amor que se sente. Isolada é mais fácil disfarçar sentimento para os outros, para a gente mesma é mais difícil. Desafiador. Eu ainda não me acostumei com essa troca de palavras. Tenho tendência a resistir à mudança, sou feito aqueles elásticos tensionados que tenho usado para praticar exercícios em casa que voltam para o estado inicial exigindo uma resposta do corpo. Às vezes o tédio vem mais incisivo. Perdoem-me quando preferi ficar em casa a sair, eu juro que gosto muito do lado de fora. Mais que dele, gosto de ter escolha, ainda que eu seja essa pessoa indecisa na maior parte do tempo. Talvez não na maior parte do tempo. Não tenho certeza. Deixa pra lá. É que eu não sei mais como suportar os adultos, eu também sou adulta, mas não estou me aguentando

também, não precisa levar para o lado pessoal. Tenho meditado todos os dias para ver se ao menos revezo o *vaisefudê* com o *namastê*. Dizem que meditação não é para todo mundo. Talvez no plano material, o terreno, é que não seja e olhem para mim aqui vivendo. As pessoas só querem voltar à normalidade, mas o que tem de normal nessa vida de gente injusta e comum? É certo que sinto falta da liberdade de andar na rua sem rumo e sem máscara, mas será que alguma vez realmente andei assim? Dificilmente saímos sem destino definido, e a máscara faz parte da etiqueta, do traje esporte fino para convivência em sociedade. Ela abafa minha voz, e eu tenho que gritar para ser ouvida. Mas qual é a diferença quando já se é mulher? Ser autêntica tem um custo muito alto e, num país igual ao nosso, não dá para bancar esse luxo diariamente. Outro dia, estava com tanta vontade de sair de casa, que quase concordei com o presidente pela primeira vez na vida, mas era só por egoísmo mesmo ou insanidade. Acho que ninguém concorda com ele se não for por uma causa egocêntrica. Ainda bem que existem outros animais, além do homem, e que podemos abraçá-los mesmo em meio à pandemia. Eu sempre valorizei muito a liberdade, mas agora a segurança tem que ocupar o primeiro lugar. Entrego, confio... aceito e agradeço. Eu ainda estou travando na parte da aceitação, acho que enxergar a realidade tal como é nunca serviu aos filósofos,

muito menos aos poetas. E eu, me sentindo poeta, no fundo eu só divago. Poesia é isso? Acho estranho quando as pessoas dizem que ficaram muito mais reflexivas com o isolamento. Eu já tenho a tendência de pensar tanto nas coisas e uma necessidade enorme de interiorização, a ponto de quase me ver pelo avesso, que nem notei nenhuma diferença, quem sabe apenas no meu nível de loucura. Eu gosto de montar o *ranking* da loucura dos meus parentes; algumas vezes eu nem pego pódio, mas desta vez a medalha de ouro é minha. Essa linguagem esportiva me lembrou de que as Olimpíadas foram adiadas e eu fiquei bem para baixo; eu amo esportes, se deixar assisto até curling. A Semana Santa se arrastou e foi mais triste ainda, penso que ela já era para ser assim mesmo antes de ser feriado, além de desculpa para escapar da dieta. Mesmo assim, acredito que há quase um mês em que eu só penso em ovo de Páscoa, acho que já esgotei minha lista de assuntos mentais. É estranho como a gente se cansa de descansar, ócio só é bom quando socialmente desaprovado. Não aguento mais passar álcool em gel e lavar tanto as mãos. Eu não tinha noção da minha falta de higiene até a pandemia surgir. Talvez eu ainda fique com mania de limpeza quando tudo isso passar, justo eu, que chorei de rir no dia em que me lembrei da esperança que tinha nas resoluções de ano novo enquanto limpava as maçanetas da casa com umas luvas amarelas e os

cabelos desgrenhados. Minha irmã aprendeu num desses canais de auto-ajuda a gritar “Viiiiida, me surpreenda!”, mas acho que não era bem isso que ela esperava. Nem eu. A gente sempre espera o melhor do universo, mas às vezes os desafios surgem por uma necessidade de aprendizado. O melhor vai vir depois. Em 2021 haverá menos *lives* e muitos jogos para assistir e, se for para pensar num lado positivo, o Cruzeiro vai ficar mais de um ano na Série B pela suspensão dos jogos do Brasileirão. Tentando ser positiva, eu acabo sendo arrogante; desculpe-me se ofendi alguém, meu tipo de humor às vezes irrita e eu acabo pedindo desculpas só para ser simpática; não é que eu ache que errei, nem nada. Outro dia me peguei brigando por causa de *Big Brother*, como que vocês ainda esperam algo de uma pessoa assim? Na verdade, penso que estamos vivendo dentro de um confinamento forçado sem o prêmio de um milhão e meio. Se fosse no programa de verdade, eu já teria ido para o paredão – outro dia eu briguei com todo mundo aqui de casa. Não me culpem, é só excesso de tempo livre. Tudo bem que, antes da pandemia, uma criança mostrou a língua para mim e eu revidei. Quando eu brigo com alguém pequeno, eu acabo me igualando a ele. Penso que a raça humana está sendo punida por ser tão ridícula ou, talvez, eu que seja. De qualquer forma, é sempre bom lidar com o sofrimento fazendo piada ou pipoca. Eu já comia tanto assim antes da quarentena? Mi-

nha irmã desde sempre fala que eu como o dia inteiro, mas eu só fui reparar nisso agora. O gato visita o potinho de ração várias vezes ao dia e eu percebi que sempre que ele estava comendo, eu também estava. Quem sou eu pra julgá-lo? Aliás, acho que tenho muito que aprender com ele. Gatos já são caseiros, comem, dormem, brincam e demonstram plenitude com esse estilo de vida. Queria eu ser orgulhosa de mim mesma quando à toa, sem a necessidade de ser produtiva. Ouvi algumas pessoas falando que queriam o decreto de um ano a menos na idade por causa do tempo perdido com a pandemia. Por mais que eu considere que nenhum sofrimento por que passamos seja em vão, em alguns momentos eu gostaria muito que algo assim acontecesse. Ironicamente, quanto mais velha eu fico, menos maturidade tenho para lidar com o envelhecimento. De qualquer forma, convém que essas ideias sejam ditas em voz baixa por questões de aposentadoria. Buda dizia que somos habitados pela nossa própria velhice, mas isso eu já sabia desde antes, quando ainda podia me divertir saindo para casas de chá ou opinando sobre a beleza das xícaras ou dos bules. Meus amigos costumam zombar dos sábados à noite em que prefiro passar de pijama com meu gato e um chá de erva-doce. Eu gosto da minha companhia e acho que não tem nada de errado nisso. Talvez com o isolamento as pessoas desfrutem melhor da solidão. Solidão é outra coisa.



POE  
MAS

Por: Orestes (servidor do CEFET, vive mergulhado nas Letras)

# LEVANTES

um pouco mais de peso  
se o leve contra a corrente  
aquebranta o semblante

um pouco mais de graça  
se o surdo som da tempestade  
fecha em copas o coração

um riso leve um pouco mais  
se o gáudio da ordem faz da  
greve o fácil fogo fátuo

um pouco mais de força  
se o fino traço desalinha  
no peito o toque do tambor

um pouco mais de apetite  
se a poesia ferve na cozinha  
o aziago mal desses tempos

\*\*\*

sonhei um sonho louco  
o mundo todo ensandeceu  
vivíamos todos um eterno  
terrífico baile de máscaras

\*\*\*

as bocas coloridas pelas ruas  
eram bocas que ontem cantavam  
estremecidas pelo horror invisível  
agora vivem um dia de cada vez

as bocas que hoje se mostram  
pelas ruas desfilam insensatez  
protegem o queixo com máscaras  
para gritarem a tudo quanto há

que o mundo é um sítio infernal  
que a vida se ganha pela guerra  
que o inimigo dorme a seu lado  
que o cometa pode ser a salvação

as bocas coloridas pelas ruas  
entoam no silêncio uma oração  
pedem que os abraços fortaleçam  
pedem que a luz irrompa da escuridão





Por: Rodrigo de Araujo Fonseca

# FOGO-FÁTUO

Na pressa de encontrar  
talismã perdido  
jogou o país na contramão  
Guarapuava febril  
Guarantã ao chão  
Tupã fez chover  
na floresta ardil  
Guarani é mais que uma ópera  
e Guará é o lobo  
numa nota de duzentos reais

---

Texto escrito em quarentena, diante do horror das notícias ambientais e da covid-19, a partir de fragmentos de notícias recebidas.

---

Algumas palavras: **Guarapuava** é um município do Paraná que chegou a ter 90% de ocupação de leitos pela covid-19, além de significar “lobo bravo” em língua tupi e de ser também um tipo de cavalo.

A escolha do título, por sua vez, se deu pelo fato de o **fogo-fátuo** ocorrer também em regiões pantaneiras, aplicando certa ironia ao poema, já que o Pantanal se transformou em um crematório de animais.

**Talismã**, no poema, é uma metáfora para as riquezas ambientais. **Tupã**, por seu turno, foi posto por causa das pancadas de chuva que aconteceram na região.

A notícia sobre a nova cédula também me levou a pensar na ambição sem freios e na destruição do meio ambiente a qual estamos testemunhando, atônitos. Por meio de palavras de origem indígena, busquei chamar a atenção para essa cultura, que vem sendo atingida pelas queimadas e pela derrubada de árvores.

Por: Orestes (servidor do CEFET, vive mergulhado nas Letras)

# DESEFAÇA-SE ROTINA

(para Affonso Ávila)

no país dos desapegos  
ninguém quase se apega  
às velhas formas da rotina  
nem a indústria nem os governos  
purgam os seus açúcares

o dinheiro por exemplo  
não se guarda em bancos  
leva-se em fundos falsos  
nas calças vai-se em rolos

e engordam fazendas mil após  
pagos à vista sem que se veja  
país é feito da melhor estirpe  
onzenários grileiros falsários

montam a cavalo manco  
os bancos na ordem do dia  
lições de austera economia  
ganhar comendas do estado  
engrupir cliente personnalité  
liberal para crescer o bolo  
sorvem a riqueza do trabalho

o governo socorre o financista  
ignora a matilha de famintos  
todo o esforço para a bolsa  
vender petróleo minério saúde  
ouçam o tilintar das propinas  
a comprar grifes em Miami  
garante o futuro da família

direito é coisa velha. bom é  
poder viver como se quer  
fazer seus horários ser  
o próprio patrão é bom  
até trabalhar em casa  
salário maior não haverá,  
quer? se a produção render  
Se a produção render,  
você vai crescer conosco  
bobagem isso de mais valia

saúde e habitação? veja  
a grama do vizinho não  
há melhor no entorno  
é sair da rotina, azeitar  
a máquina, ajustá-la  
engrenagens parafusos  
capitalizar sufragá-la  
nas urnas no culto na missa  
glosar até esse discurso,  
fazer dele um gozo.





# IN TER VEN ÇÕES



# GRACIELE GONZAGA



---

Respiração



Ação



Piração

Colagem em folha avulsa

Processo de respiro

Arte como pausa do caos

O caos como saída

Em escrita de fluxos.

Fluxo em mentes inquietas.

Pensar/Refletir/Escrever/Olhar

Observar estático ou reflexivo

Fotografia





---

# ARTISTA GRÁFICO

# NÁCIO

Olá! Tudo bem?

Meu nome é Edson Inácio, de nome artístico, Nácio, e faço charges, tirinhas e caricaturas. Sou aluno de Artes Visuais na UFMG, sou um artista gráfico e, na medida do possível, posto os meus desenhos nas redes sociais.

São ilustrações iniciadas no papel e depois finalizadas no computador ou em aplicativos de desenho no celular ou tablet. Desde já agradeço muito a oportunidade de mostrar meus desenhos.

E, quem quiser seguir meus trabalhos, estão aí os links abaixo. Brigadão e abraços a todos!

*<https://m.facebook.com/NacioChargista/>  
Instagram: @naciocharges.*

# COVID-19



**BOA IDEIA NÓS USARMOS  
MÁSCARAS, ESTAMOS  
PROTEGIDOS DO VÍRUS!**





**NÃO TRANSMITEM COVID-19**



Por: Edison Inácio.



# ELIZIANE SILVA

Para mim, o isolamento social começou no dia 15 de março. Exatamente, neste 15 de outubro, são 180 dias – meio ano – de rotinas quebradas, novos hábitos e costumes incorporados ao dia a dia. Na impossibilidade de sair e fotografar o mundo, minha casa virou o mundo a ser explorado.

E as janelas e varandas transformaram-se em escotilhas. O horizonte, a linha a ser alcançada apenas pelo exercício do olhar, ganhou novos significados: ora distante, ora próximo, vem alimentando as esperanças ao longo desses dias.

O céu, com sua paleta de cores variadas, é alegria e alento. E a fotografia, mais uma vez, torna-se a companheira na contagem dos dias e das estações enquanto observo o mundo daqui.

Por: Eliziane Silva  
Oliveira

Eliziane Silva Oliveira  
Doutoranda em Estudos de Linguagens/CEFET-MG





Por: Eliziane Silva  
Oliveira









Por: Eliziane Silva  
Oliveira



Por: Eliziane Silva  
Oliveira









Por: Eliziane Silva  
Oliveira





**CEFET-MG**

CENTRO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA  
DE MINAS GERAIS

